

TEATRO na ESCOLA

Vanessa Ratton





Peças de Teatro para crianças

Vanessa Ratton

Apresentação

Arte na Escola é fundamental! Seja para ser estudado na disciplina de Língua Portuguesa, como texto dramático, seja para ser encenado dando vazão a criatividade e ao fazer artístico. O teatro é uma das artes mais completa. Ajuda a desenvolver a expressão corporal, vocal, a imaginação, a interpretação do texto e muito mais. Valorizamos as múltiplas inteligências, abrindo a oportunidade para o aluno mostrar outras competências como a comunicação e a habilidade corporal e vocal. Além disso, de maneira geral, todos aprendem a melhorar a concentração, a desinibição, despertam a prontidão, o falar em público, desenvolvem o trabalho em equipe, o pensamento crítico, entre tantas outras competências necessárias.

“A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: através da educação em arte, o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e pelas diferentes culturas.” (PCN-Arte-1997).

A arte-educação tem o objetivo oferecer condições para que o indivíduo compreenda o que ocorre nos planos da expressão e do significado ao interagir com a arte e ele compreende sua realidade e a do outro, conseguindo conceber seu entendimento de mundo e ter uma inserção social mais ampla.

No Youtube tenho uma série de vídeos curtos, caseiros, para quem quer dicas de como trabalhar com teatro na escola, só procurar como Tatá Bloom, Teatro Educação. As peças apresentadas neste livro são variadas, adaptações clássicas como Peter Pan e Monteiro Lobato e outras desta autora, que falam sobre respeito à Natureza, Cultura de Paz, Combate ao Bullying, Amizade, Respeito e tantos outros valores que de forma lúdica são também um aprendizado.

Espero que este livro seja muito encenado! Viva a Arte, viva o teatro! Evoé!

Vanessa Ratton/Tatá Bloom

Índice

Reinações de Emília

O Ratinho que não gostava de queijo

Wendy e Peter Pan

Um dia de Paz

A história da água

REINAÇÕES DE EMÍLIA

Vanessa Ratton

LIVRE INSPIRAÇÃO DA OBRA SÍTIO DO PICAPAU
DE MONTEIRO LOBATO

PERSONAGENS

Narrador (contador de histórias)

Narizinho

Pedrinho

Emília

Visconde

D. Benta

Tia Nastácia

Cuca

Saci

Rapunzel

Príncipe

Bruxa

Maria

Luiza

Fernando

Murilo

CENÁRIOS

Vale (proscênio do teatro)

Sítio

Torre da Rapunzel

Gruta da Cuca

Músicas

(Pode ser montado com ou sem músicas do Sítio do Picapau Amarelo).

Cena 1

(cortinas ainda fechadas, começa a música Ploct, Pluft, Nhoc do Sítio do Picapau Amarelo).

(Entra o Narrador, andando pela plateia, tocando flauta, sobe no palco e para de tocar, olhando as crianças da plateia).

Narrador: (a fala dele é rimada) Ei! Vocês gostam de música? Eu gostaria de saber tocar ou que sabe coser túnicas... Mas, cada um tem o seu ofício. E o que eu sei fazer com vitória, é reunir crianças e contar histórias! (se apresentando para o público). Eu sou um contador de histórias, é assim que ganho a vida. Sabem por que gosto disso? Conheço história sobre o mundo todo, sei folclores, lendas e fábulas, esta é minha sina.

Faço amizade com centenas de crianças e levo sonho a elas. Não deixo que esqueçam a magia dos contos e das histórias belas. Assim, vamos conhecendo personagens, lugares e épocas diferentes. Conhecemos bruxas, vilões, heróis e princesas, e enchemos o mundo de sonhos e belezas.

Antigamente, a terra era povoada por centenas de contadores de histórias, hoje em dia, só alguns poucos leem livros... Nem os pais têm tempo de contar histórias para os filhos.

E, assim, as nossas lendas, contos e tradições vão sumindo... Sumindo... Na memória de vocês. As histórias são portas mágicas: Pirlimpimpim! Estão lá nos livros, tim tim por tim tim.

(Música Pirlimpimpim. Entram as crianças Maria, Murilo, Fernando e Luzia).

Narrador: Olá crianças! (para os que entraram) Eu sou o Loui! (para a plateia) Venho de muito longe, de um país de chamado França, um lugar cheio de montes. Sabem como vim parar aqui? Nas asas de um pássaro cintilante, quando fugia de um gigante! E estes são meus pupilos: Maria, Luíza, Fernando e Murilo.

Maria: E a história que vamos contar mistura conto e folclore e é daqui mesmo deste bonito lugar!

Fernando: Venham amiguinhos, larguem um pouco o videogame e a TV.

Deixem Loui contar para vocês!

Luíza: De várias maneiras uma narrativa pode começar: Era uma vez... Em um país muito distante...

Murilo: Prestem bastante atenção! É preciso muita esperteza porque essa história está cheia de surpresas!

Narrador: E para ilustrar essa aventura, vou chamar a Dona Benta, uma velha senhora que vai contar um conto, eu a deixo com vocês e aumento um ponto. (sai de cena, tocando a flauta).

Cena 2

(abrem-se as cortinas. As crianças sentam junto de Dona Benta que estará numa cadeira de balanço).

(Trecho da Música Sítio do Pica Pau Amarelo)

(Entram Narizinho e Pedrinho falando e gesticulando muito, ambos ao mesmo tempo).

D. Benta: Crianças! Crianças! Mas que rebuliço é esse? Deixem eu apresentar nossos visitantes a vocês...

Pedrinho: Que bom! Teremos companhia!

Narizinho: (se apresentando, com cumprimento, segurando as pontas do vestido e reclinando-se) Olá! Eu sou Narizinho, a menina do nariz arrebitado e este é meu primo Pedrinho.

Maria: Eu sou Maria, (imitando Narizinho) e este é meu irmão Fernando.

Fernando: Esta é Luíza.

Luíza: E este é Murilo.

Murilo: Soubemos muitas histórias deste sítio e viemos conhecer. É muito bom estar aqui!

Narizinho: Sempre que quiserem podem vir!

(Música Narizinho. Narizinho dança)

Fernando: Gostaríamos de voltar sempre!

Pedrinho: Basta ler nossas histórias!

Maria: É verdade tem uma coleção sobre vocês na biblioteca da nossa escola.

D. Benta: Vamos crianças! Vamos entra e comer guloseimas que a Tia Nastácia fez.

(Pedrinho e narizinho se agitam, como se tivessem se lembrado de algo muito importante).

Pedrinho: Mas íamos esquecendo! A Tia Nastácia sumiu!

Narizinho: Desde cedo não sabemos onde ele está...

Pedrinho: E há uma bagunça na cozinha.

D. Benta: Santo Deus! O que será que aconteceu desta vez? (se abana)

Murilo: Será que podemos ajudar?

D. Benta: Não teria ela caído nas mãos do terrível Minotauro?

Narizinho: Impossível vovó! Ele não está fazendo parte desta história.

Pedrinho: A senhora estava nos contando sobre Rapunzel.

D. Benta: É mesmo!

Maria: Então já temos uma pista.

(Entra Visconde apressado e Emília vem atrás, os dois estão brigando por um pedaço de papel).

Visconde: Absurdo! Essa boneca de trapos pensa que é gente!

Emília: E esse sabugo de milho pensa que é o quê? Visconde, huns...(dá de ombros) Seu enxerido vou dar você para o Rabicó comer, aquele porco fará picadinho de você!

D. Benta: Parem já vocês dois!

Pedrinho: Emília, não vê que temos convidados?

Narizinho: Visconde, se porte como um nobre. (apresentando) Esses são Murilo, Luiza, Fernando e Maria.

(Todos se cumprimentam)

Pedrinho: E agora vão falando o que aconteceu...

(Visconde e Emília falam juntos e atrapalhados)

D. Benta: Um de cada vez!

Emília: O Visconde pegou um papel que me pertence...

Visconde: É um bilhete de Tia Nastácia

Todos: Bilhete?

Narizinho: E o que ela diz?

Visconde: Fui raptada! (todos se espantam) É o que ela diz ! (continua a leitura) Credo pai, Benza-me Deus! Estou prisioneira de uma bruxa e ela me obriga a fazer mil cocadinhas... Socorro!

Maria: Coitada!

Fernando: Precisamos salvá-la!

Luíza: Aonde vamos procurar?

Murilo: (com medo) Eu não sabia que havia bruxa aqui!

Emília: Bruxas, príncipes e tudo o mais.

(D. Benta se levanta da cadeira)

Pedrinho: Precisamos de um plano!

D. Benta: (passando mal) Ai meu Deus! (senta-se) Mais uma aventura. Assim meu pobre e velho coração não aguenta. (desmaia).

Narizinho: Vovó! (todos acodem) Precisamos leva-la para o quarto. Venha Emília, me ajude aqui. (saem de cena as três).

Visconde: (aparte para Pedrinho) Eu acho que a Emília está estranha! Ela ia jogar o bilhete no lixo. Se eu não chego a tempo...

Pedrinho: Será Visconde? Vai ver que ela está por trás disso...

Emília: (entrando com Narizinho) por trás do quê?

Narizinho: A Emília seria incapaz de fazer mal a alguém.

Pedrinho: (pisca para Visconde) Tudo bem, vamos fazer o plano de salvamento da Tia Nastácia.

Visconde: Eureka! É isso, já tenho um plano! (todos ficam em volta do Visconde) Cada um de nós sai à procura da Tia Nastácia com um visitante, assim eles não se perdem.

Pedrinho: E não caem em nenhuma armadilha da cuca!

Murilo: Estou ficando com medo, quem é cuca?

Pedrinho: Você vai ver (ri), mas não tenha medo, eu protejo você, vem comigo.

Visconde: Eu vou com a senhorita Luíza, se ela assim consentir.

Emília: Leva o Fernando também, eu sozinha vou mais rápido!

Narizinho e Pedrinho: Não senhora!

Narizinho: Eu vou com a Maria.

Emília: Então, só me resta ir com o Fernando.

Pedrinho: Lembrem-se crianças, não é preciso ter medo. A vida é cheia de aventuras.

(Música Pedrinho)

Todos: Vamos! (saem por lados diferentes)

(Palco escurece). Entram Saci (pulando numa perna só e Cuca)

Cuca: (rindo) Eu ouvi tudinho! A velha Nastácia sumiu!

Saci: Não sei não, prima, mas acho melhor ficar de fora dessa história, já tem bruxa demais!

Cuca: Nunca! Nunquinha, viu! Calado seu moleque saci. Se não eu mando

cortar a sua outra perna e você vai deixar de andar por aí...

Você vai fazer tudo o que eu mando. Sabe por quê? Eu estou com a sua carapuça!!!!

(Saci tenta pegar e a Cuca a esconde)

Saci: Devolve minha carapuça, vai prima!

Cuca: Devolvo, mas primeiro eu vou pôr as mãos de uma vez nestas crianças do Sítio e transformar todos em pedra. (ri). Vamos colocar mais armadilhas pelo Sítio.

(música Cuca, Dançam e saem de cena).

(Entram Narizinho e Maria de um lado, de costas, e Pedrinho e Murilo de outro. Eles se chocam e se assustam.)

Todos: Ai! Que susto...

Narizinho: E então?

Pedrinho: Nada até agora.

Emília: (entrando com Fernando) Ah! Eu estou cansada de procurar! Vamos voltar para casa. Amanhã a Tia Nastácia aparecerá. (deixa escapulir e tampa a boca).

Narizinho: (desconfiada) Como é que você sabe

Visconde: (com Luíza) Corram! Corram! A Cuca vem aí com o Saci!

(Música do Saci)

(Começa correria com personagens, crianças e o Saci)

Pedrinho: Ufa! Que correria.

Narizinho: Porque o Saci está ajudando a Cuca?

Visconde: Você não viu? O Saci estava sem a carapuça.

Pedrinho: E enquanto a Cuca estiver com ela, ela está controlando ele.

Emília: (entrando) Ih! As crianças foram aprisionadas pela Cuca.

Pedrinho: Agora só tem um jeito!

Narizinho: Qual?

Pedrinho: Vocês ficam andando pela floresta para a Cuca ir atrás de vocês. Eu vou até a Gruta da malvada e pego a carapuça do Saci. Assim, ele ajuda a gente.

Visconde: Bem pensado Pedrinho! Vamos! (percebe que Emília fica parada). Você não vem Emília?

Emília: Vou até o pomar pegar jabuticaba para fazer um bom refresco para as crianças. Coitadas! Vão precisar.

Narizinho: Está bem.

Visconde: (aparte baixinho para o público) Muito estranho!

(Saem todos, menos Emília)

Emília: (senta-se) Puxa! Pensei que não fosse dar tempo! Está quase na hora do meu príncipe chegar! Vejam! Aí vem ele!

(Entra Rapunzel na torre e o Príncipe. Música Rapunzel)

Príncipe: Rapunzel! Jogue-me suas tranças!

Rapunzel: Como custa o tempo a passar na sua ausência!

Príncipe: O tempo é curto quando se trata de amor! (manda beijos para ela)

Rapunzel: Tenho tanto medo de que a bruxa apareça!

Príncipe: Hoje vou libertá-la desta torre! Será o fim de sua prisão. Como pode uma bruxa tão má, a ponto de mantê-la presa há tantos anos. Escondendo uma linda moça que hoje será a minha Princesa!

Emília: (suspirando, sentada assistindo a tudo) Ai, que inveja! (aparte para o público) Agora vem a segunda parte do meu plano! Chamo a bruxa e ela me transforma em Rapunzel, caso com o príncipe e dou uma grande festa! É por isso que a bruxa mandou a Tia Nastácia fazer mil cocadinhas... Depois da Festa levo a Tia para o sítio e Rapunzel esquecerá de tudo com um feitiço, nem lembrará do príncipe.

(entra a bruxa)

Bruxa: Mas que bela traição! Eu cuido desta menina até ficar moça e agora ela pensa que pode me abandonar...

Príncipe: proteja-se minha amada! (ergue a espada)

Bruxa: Bongolô! Senefum! (príncipe fica congelado)

Rapunzel: Virou pedra! Meu príncipe virou Pedra! Liberte-o Bruxa que eu farei o que quiseres.

Bruxa: É mesmo, sua menina má! Não falarás mais um fugir, não é?

Rapunzel: Farei o que quiseres!

Bruxa: Você virá comigo e a Emília tomará o seu lugar. O príncipe ficará encantado e achará que ela é você. Os dois se casarão e você esquecerá dele para sempre.

Rapunzel: (chora) prefiro isso a ver o meu amor transformado em pedra.

(Bruxa joga feitiço no Príncipe e sai rapidamente com Rapunzel. Emília toma lugar da princesa na torre)

Príncipe: (acordando) Mas o que houve? Pareço ter acabado de acordar? Minha memória se apagou, do que falávamos, amor?

Emília: Do nosso casamento! Você veio me buscar para nos casarmos hoje no campo!

Príncipe: Hoje? Tem certeza princesa, preciso falar com o Rei e Rainha, com certeza eles vão querer dar uma grande...

Emília: tem que ser hoje! Mas que diabo de Príncipe frouxo é você?

Príncipe: Engraçado, nunca vi esses modos em você, seu modo de falar, parece diferente ... seu perfume...

Emília: O quê? Vai dizer que eu tenho cheiro de mofo? Seu Príncipe deselegante. Acha que eu não tomo banho?

Príncipe: Mas que modos são esses Princesinha?

Emília: princesa uma figa! Ah, mas aquela bruxa me paga!

(Visconde e Narizinho entram em cena, já estavam escondidos ouvindo tudo)

Narizinho: Mas que feio, Dona Emília!

Visconde: Eu não disse que ela tinha culpa no cartório!?

Emília: Ah! Agora vocês estragaram o meu casamento! Tudo culpa do Visconde...

(Narizinho puxa a orelha de Emília)

Narizinho: Você vai ver só!

Príncipe: Mas do que se trata?

Visconde: Não se incomode vossa alteza, sou o Visconde de Sabugosa, ao seu dispor. E nós já estamos dando um jeito em tudo.

Emília: Ai!!!

Narizinho: Essa boneca fingida de princesa vai ter o que merece, quando chegarmos em casa!

Príncipe: Boneca fingida? Mas onde está Rapunzel?

Visconde: Diga Emília!

Emília: Está bem, mas não puxa mais minha orelha! Elas estão na Gruta da Cuca, junto com a Tia Nastácia.

Narizinho: Nossa Emília! Como você pode fazer essa maldade com a Princesa e com a pobre da Tia Nastácia, que costurou você!

Emília: (chorando) Ah! Eu estou arrependida! É que eu queria me casar com um nobre, porque só o Visconde tem título de nobreza. (Chora) Eu achei o Príncipe tão lindo! Ele não ia sofrer, porque acharia que eu era a princesa e a Rapunzel bonita como é poderá achar outro príncipe!

(Entra a Dona Carochinha)

Carocha: Mas não é possível! Mais uma vez vocês do Sítio do Pica-Pau Amarelo se intrometem nas minhas histórias!

Narizinho: Dona Carochinha, a senhora nos desculpe...

Emília: Dona Carocha, cara de barata cascuda, ninguém lhe chamou aqui, já estávamos resolvendo tudo.

Carocha: É ultimamente, ninguém tem me chamado mesmo! Ninguém conta mais histórias da Carochinha. Mas aqui, há uma porção de crianças (falando com a plateia) por isso eu vim!

Príncipe: Então, Dona Carochinha, vamos, só a senhora poderá fazer com que a história de Rapunzel termine de maneira correta. Vamos!

(Os dois saem)

Visconde: Que feio D. Emília! A senhora queria se casar e já ia tirando o noivo da outra (ri)

Narizinho: Mas deixa estar que eu lhe arrumarei um noivo a altura, para que você nunca mais se esqueça do que fez e aprenda a sua lição.

Nastácia: (Entrando em cena correndo) Virgem Maria! Cruz credo! Que espanto menina! O Pedrinho mais o Saci me libertaram da Cuca. Tão valente esse menino! (Abraça Narizinho e o Visconde. Para Emília) E a senhora, Dona Emília... (Emília corre tampando as orelhas) Sua boneca de pano, vem cá! Vem já aqui que eu tenho umas contas pra acertar com você!

Emília: (sai correndo) Ai! Que é agora que ela me pega, me lava, eu encolho e me pendura de ponta cabeça no varal (Tia Nastácia vai atrás).

(Escurece. Todos saem de cena. Cenário agora é a Gruta da Cuca)

Pedrinho: Agora saci, vamos soltar as crianças!

Saci: Não dá, eles tão durinhos que nem pedra! E eu tenho medo da Cuca!

Pedrinho: Se você ficar com medo, eu não devolvo sua carapuça!

Saci: Tá. Tá bom. (sai e volta com as crianças).

Maria: (entrando) Estamos livres!

Fernando: Eu sabia que o Pedrinho ia nos salvar!

Murilo: Acho que é hora de darmos o fora daqui.

Luiza: Vamos, vem vindo gente!

(Saem de cena. Entra D. Carochinha)

Carocha: Agora que eu já dei um jeito em tudo, a nossa história pode continuar. Quando o Príncipe ia tentar salvar Rapunzel da torre em que a bruxa a aprisionava, eis que a nefasta os surpreendeu.

O Príncipe subia até a torre pelas tranças de Rapunzel, mas a Bruxa, cortou o cabelo da menina e ele caiu lá de cima no jardim de rosas. Os espinhos furaram os olhos do Príncipe ele ficou cego. (sai)

(Entra em cena o Príncipe, já parecendo cego, e depois Rapunzel e a Bruxa)

Rapunzel: Meu Príncipe!

Príncipe: Rapunzel, o que acontece? Porque não enxergo ?

Bruxa: Porque está cego! Quer Rapunzel? Vou deixá-la livre, mas nunca mais você verá o rosto de sua amada (ri e sai de cena).

Rapunzel: (amparando o príncipe em seu colo, sentada no chão) Ah! Meu Príncipe, que tristeza (chora).

Príncipe: Suas lágrimas caem em meus olhos! Água tão pura que lava minha alma.

Rapunzel: Como pode acontecer essa maldade? Que bruxa terrível. Que pobre sina eu tenho. Virei sua prisioneira desde pequena, porque minha mãe grávida sentiu vontade de comer rabanetes. Meu pai que era pobre e não podia comprar, viu no quintal da vizinha que ela tinha plantado em rabanetes. Foi humildemente pedir um para matar a vontade da esposa. E aí descobriu que era uma bruxa que morava ali, e ela disse que jamais daria um rabanete, nem que ela jogasse fora.

Meu pai esperou a madrugada toda e pulou o muro para pegar um rabanete, mas a bruxa o viu e para não lhe fazer mal e a minha mãe, teve que lhe prometer que me entregaria assim que eu nascesse. Desde então, vivi naquela torre, E quando consigo encontrar um amor, uma alegria, ela nos amaldiçoa. (chora).

Príncipe: Não chore mais Rapunzel, é um milagre! As suas lágrimas devolveram-me a visão. (os dois se abraçam). Vamos para meu castelo e você será feliz! Eu prometo!

(blackout)

(Em cena os personagens do Sítio. Acende foco de luz na Emília que dançará sua Música. Crianças vão entrando e sentando assistindo a apresentação)

D. Benta: Que linda apresentação!

Narizinho: Bonita mesmo, agora só falta pedir desculpas para nossos convidados.

Emília: desculpem!

Visconde: E também receber o castigo!

Nastácia: E um castigo que é bem merecido, né Dona Emília.

Emília: Tia Nastácia, eu lhe amo! Desculpe mais uma vez, era só um dia. Me perdoe, eu queria tanto me casar!

Pedrinho: Ah, mas nós vamos lhe arrumar um casamento!

Narizinho: E com alguém da nobreza, um marquês!

Emília: Ai de mim, deixar de ser princesa para ser marquesa...

Nastácia: Mas vai ter que ter casamento sim, afinal, eu fiz mil cocadinhas!

Emília: E quem é o noivo, afinal?

Pedrinho: O Marquês (faz uma reverência) de Rabicó!

Emília: Rabicó, aquele porco imundo?

Ponto e vírgula que eu me caso com ele.

Narizinho: Casa sim, porque eu já preparei uma grande festa!

(Música Tia Nastácia)

Emília: Ai de mim!

(Todos riem)

Murilo: E a Rapunzel?

Narizinho: Casou-se com o Príncipe e foram felizes para sempre!

D. Benta: E entrou por uma porta e saiu por outra. E quem quiser que conte outra!

Narrador: E agora é hora de voltar para casa! Vamos crianças?

Luíza: Ah que pena!

Murilo: Nunca vou esquecer vocês!

Fernando: Vou ler todas as suas histórias!

Maria: Então, vamos nos despedir com uma canção.

(Música Real Ilusão)

(Música final para agradecimentos Sítio do Pica Pau Amarelo).

FIM

Wendy e Peter Pan

Adaptação de Vanessa Rattton

da história de J. M. Barrie

Personagens:

Peter Pan

Sininho

Wendy

João

Miguel

Capitão Gancho

Smee

Bill Jukes

Barrica

Menino 1

Menino 2

Menino 3

Princesa Tigrinho

Raposa Celeste

Pequeno Trovão

Sr Darling

Sra Darling

Tia Annie

Naná

Cenários:

Casa de Wendy, Terra do Nunca

Narrador: Todas as crianças crescem e viram adultos, bem quase todas. Algumas crianças NUNCA crescem, ficam crianças para sempre num lugar distante chamado Terra do Nunca. (Voz em Off)

Cena 1 – Quarto

(Wendy, Miguel e João dormem. Sininho entra e procura algo no quarto, espionando as crianças. Ela tem ciúmes de Wendy e faz caretas para ela. Quando Wendy ameaça acordar, ela foge. Ouve barulho vindo de fora do quarto e sai voando. Sra. Darling vem correndo e olha pela janela aflita, fechando-a, vê uma roupa preta (sombra de Peter Pan, dobra-a e guarda-a no baú.)

Cena 2 – Acordando

(Naná entra em cena latindo para acordar as crianças. Vai um por um).

Miguel: Eu não vou pra escola agora. Não, não, não vou, não vou. Naná ainda não são nem seis horas. Ai, meu Deus do céu, assim eu não gosto mais de você. Já disse que não vou tomar banho agora, não vou, não vou e não vou!

(Naná o leva para a coxia. Wendy e João vão acordando, Sra. Darling entra)

João: Mãe, todo dia tem que tomar banho?

Darling: Claro João!

João: O Miguel todo dia diz que não vai tomar banho.

Miguel: Calado João! Mãe, vamos brincar de nascer?

Darling: Crianças temos que nos arrumar para a escola...

Wendy: Mãe, é rapidinho....

Nana: late, para levar João para banho (ele a segue).

João: (começa a brincadeira, imitando o médico). Senhora Darling, tenho uma notícia!

A senhora está esperando um filho!

Darling: Um bebê, que maravilhoso, doutor! Um menino ou uma menina?

João: Uma menina!

Wendy:(dança feliz) Uhull! Sra. Darling, que prazer revê-la! Está sentido o quê?

Darling: O de sempre Doutor, enjoo e tontura pela manhã...

Wendy: deixe-me examiná-la... (rindo) Que maravilha! A senhora será mãe novamente!

Darling: Menino ou menina?

Wendy: dessa vez um menino!

João: (fazendo pose) Esse sou eu!

(Naná traz Miguel de volta e late para Wendy que a abraça e vai para o banho)

Darling: Doutor, preciso de mais uma consulta...

João: Desculpe-me, mas não queremos mais nenhum filho.

Miguel: Ninguém me quer...

(Sra. Darling abraça Miguel)

Sra. Darling: Eu quero, eu quero muito um terceiro filho.

Miguel: Menino ou menina?

Sra. Darling: Menino. (Os dois se abraçam)

(Entra o Sr Darling com uma gravata na mão)

Darling: O que aconteceu querido?

Sr Darling: (Berrando) Que foi que aconteceu? Esta gravata... O nó, não quer dar nó. Pelo menos não em volta do meu pescoço.

Sra. Darling: Deixa eu experimentar, querido. *(Dá um nó na gravata)*

(Naná entra e esbarra no Ser Darling, a Sra. Darling pega uma escova e começa a limpar a calça dele).

Sr. Darling: É um erro termos uma cachorra como babá.

Sra. Darling: George, Naná é um tesouro.

Sr. Darling: Sem dúvida, mas às vezes eu tenho a sensação esquisita de que ela cuida das crianças como se fossem cachorrinhos.

Sra. Darling: Ah, não, querido, de jeito nenhum...

Sr. Darling: (Pensativo) Não sei, não. Não sei, não...

Cena 3 – Remédio

(Entra Naná com uma colher na boca)

João: Seu remédio Miguel. (ri da situação)

Miguel: Não tomo, não tomo e não tomo.

Sra. Darling: venha querido, é necessário!

Sr. Darling: Mãe, não fique estragando esse menino com mimos... Miguel na sua idade eu tomava o meu remédio sem dar um pio e até dizia: Obrigado meus bons pais, por me darem remédios que me fazem tanto bem...

Wendy: Aquele remédio que às vezes você tem que tomar papai, é muito pior do que esse, não é?

Sr. Darling: Muitíssimo pior, e eu era capaz de tomar um pouco agora só para te dar o exemplo, Miguel, se não tivesse perdido o vidro...

Wendy: Mas eu sei onde ele está, vou buscar.

(Wendy sai)

Sr. Darling: João é uma coisa horrível. Tem um gosto pavoroso, grudento, melado...

João: Mas passa logo, pai.

Wendy: (Entrando ofegante) Vim o mais depressa que pude.

Miguel: (Desconfiado) Primeiro o papai.

João: Vamos, pai.

Wendy: Viu o pai tomou o remédio direitinho.

Miguel: Está bem! (toma o remédio)

Darling: Todos para a escola vamos! (Naná sai com as crianças).

Cena 4 – beijo escondido

Sr. Darling: Que o mundo inteiro ouça que eu me recuso a permitir que esse cachorro continue sendo a babá dos meus filhos.

Sra. Darling: Mas querido...

Sr. Darling: Isso é ridículo, serei motivo de chacota! E minha tia Andy está vinda para cá. Ela veio lhe ajudar a preparar Wendy para crescer.

Sra. Darling: Sua tia... (apavorada) mas meu querido, Wendy só tem 12 anos... é uma menina.

Sr. Darling: Minha mãe se casou com 15! Está na hora dela se deixar as brincadeiras de lado, se afastar dos meninos para se tornar uma mulher...

Sra. Darling: Querido, ela é uma mocinha, já consigo ver um beijo escondido no seu queixo... ele está quase alcançado a altura dos lábios.

Sr. Darling: está vendo, tia Anime tem razão. Precisamos separá-la dos meninos.

Sra. Darling: separá-la?

Sr. Darling: Tia Anime quer que ela tenha um quarto só para ela! Ela vai gostar!

Cena 5 – Tia Annie

(Toca campainha. Tia Annie é autoritária e muito séria. Quando chega percebe-se que todos têm medo dela, menos Naná).

Sr. Darling: Tira relógio do bolso. Deve ser minha tia, sempre tão pontual....

Sra. Darling: Mas já querido, nem preparei o quarto dela ainda... ela é tão exigente!

Sr. Darling: Ela quer somente o melhor para nós!

Tia Annie: (gritando) Darling! Onde estão seus criados? Isto é um insulto. Ficar parada na porta com a mala na mão...

Sr. Darling: Já estou indo.....

Sra. Darling: Tia Annie, como é bom revê-la!

Tia Annie: Como está magro Darling. Deve estar trabalhando muito... Pudera, três crianças, ou melhor, duas crianças e uma moça!

Sra. Darling: Querido, leve as malas da Tia para o quarto de hóspedes.

(Neste momento, Naná entra e pega a mala e leva para o quarto. Tia Annie fica horrorizada) Esse é seu criado, Darling? Que horror!

Sra. Darling: Nós não temos mais criados Tia Annie, temos três filhos, a Naná me ajuda como pode.

Tia Annie: Francamente meus queridos, isto é um horror! Darling você precisa resolver isso! (sai de cena seguida pela Sra. Darling).

(Nana passa correndo, o Sr Darling pega Naná pela coleira. Os meninos começam a chorar. Wendy vai até o Sr Darling com a intenção de pedir, mas ele faz um gesto para que ela se afaste)

Sr Darling: Não adianta, não adianta... Seu lugar é La fora no quintal. E é lá que você vai ficar amarrada agorinha mesmo.

Sra. Darling: George, por favor, George... (*Sr Darling sai de cena levando Naná*)

Sra. Darling: Vamos para a cama crianças...

(Todos vão para a cama, ouvem-se latidos)

João: Coitadinha, é porque ela está amarrada lá fora...

Miguel: Eu odeio a Tia Annie!

Sra. Darling: (Vai até a janela) Ai, como eu queria não estar indo a uma festa hoje! Mas é importante para o seu pai, um jantar de trabalho.

Miguel: Será que alguma coisa pode acontecer com a gente mamãe?

Sra. Darling: Não, meu tesouro. Essas luzes são os olhos que as mães deixam quando saem, para vigiar e tomar conta dos filhos.

Miguel: Mãe, adoro que você é minha mãe!

Tia Annie: (entrando) Agora todos para a cama. Despeçam-se de dormir juntos crianças. Amanhã Wendy vai para o quarto de solteira!

Sra. Darling: Vocês vão ficar bem!

(Sra. Darling dá um beijo nas crianças e sai. Os três vão dormir)

Cena 6 – Resgatando a sombra

(Sininho entra pela janela e começa a mexer no quarto, procurando a sombra de Peter, ela se esconde. Entra Peter)

Peter: Sininho... cadê você? (*Sininho aparece*) Vamos, saia de trás cama e me diga de uma vez: descobriu onde eles guardaram a minha sombra?

(Som de sinos, Sininho aponta para o baú. Peter vai até o baú e começa a tirar tudo de lá procurando a sombra. Sininho entra no baú para ajuda. Peter pega a sombra e esquece sininho lá dentro. Peter espera que a sombra se una a ele, mas isso não acontece. Ele sai de cena e volta com um sabonete. Tenta colar a sombra com um sabonete. Como não consegue, senta-se perto da cama e começa a chorar)

Wendy: (*Acordando*) Menino... Por que você está chorando?

(Peter se levanta, faz uma curvatura graciosa, Wendy faz o mesmo)

Wendy: Wendy Moira Angela Darling. E a sua graça?

Peter: Peter Pan.

Wendy: Só isso?

Peter: Só.

Wendy: Desculpe.

Peter: Não faz mal.

Wendy: Onde você mora?

Peter: A segunda à direita, e depois sempre em frente, até de manhã.

Wendy: Que endereço engraçado!

Peter: Não é não.

Wendy: Quer dizer, é assim que se escreve nas cartas?

Peter: Não tem carta nenhuma.

Wendy: Mas sua mãe recebe cartas, não recebe?

Peter: Não tem mãe nenhuma.

Wendy: oh, Peter, coitado! Não admira que esteja chorando! (Desce da cama e vai para junto dele)

Peter: Eu não estava chorando por causa de mãe nenhuma. Estava chorando porque não consigo colar minha sombra. Além do mais, eu não estava chorando...

Wendy: (Espantada) Ela descolou?

Peter: Descolou.

Wendy: Que horror! (Vê que ele estava tentando colar a sombra com o sabonete) Mas você estava colando com o sabonete? Bem coisa de menino mesmo. (Ri) Vai precisar costurar.

Peter: O que é costurar?

Wendy: Prender com linha e agulha.

Peter: Ah! Como as redes dos pescadores...

Wendy: Sim! Eu costuro para você. (Pega uma caixinha de dentro do baú, costura e volta para perto de Peter) Pode ser que doa um pouquinho.

Peter: Ah, mas eu não choro.

(Wendy começa a costurar, Peter aperta os dentes, mas não chora)

Wendy: Era melhor eu ter passado o ferro.

Peter: (Começa a andar de um lado para o outro, feliz) Ah, como eu sou esperto. Viva a minha esperteza!

Wendy: Seu convencido! Quer dizer que eu não fiz nada?

Peter: Fez sim, um pouquinho.

Wendy: Um pouquinho? Se não sirvo para nada, então posso muito bem ir embora...

(Wendy volta para a cama e coloca a cabeça embaixo das cobertas. Peter finge que vai embora, mas, mesmo assim ela não olha. Ele vai até a beirada da cama)

Peter: Wendy, não vá embora. Uma menina vale mais que vinte meninos.

Wendy: (Coloca a cabeça para fora) Você acha mesmo, Peter?

Peter: Acho. Eu queria ouvir uma de suas histórias...

Wendy: E vou me levantar de novo. (Senta-se na cama) *Acho até que você merece um beijo!*

(Peter estende a mão, esperando ganhar alguma coisa)

Wendy: Você não sabe o que é um beijo?

Peter: Vou ficar sabendo assim que você me der.

(Wendy dá um dedal para ele)

Peter: Agora você quer que eu lhe dê um beijo?

Wendy: Se você tiver vontade.

(Wendy inclina o rosto em direção a Peter, ele dá um botão para ela. Sininho observa tudo, enciumadíssima).

Wendy: Vou usar o seu beijo com um cordãozinho em volta do pescoço. (Coloca um cordão no botão e o amarra no pescoço) Quantos anos você tem?

Peter: Não sei... Mas, ainda sou bem moço, Wendy. Fugi de casa quando era muito pequeno.

Wendy: *Nossa!* (as crianças vão acordando e ficam ouvindo a história).

Peter: Foi porque eu ouvi meu pai e minha mãe conversando sobre o que eu ia ser quando crescesse. Eu não quero crescer nunca, quero ficar sempre criança e me divertir muito. Por isso eu fugi e a Fada Sininho (olha para ela, que se esconde) me levou para a Terra do Nunca e vivi lá por muito tempo, no meio das fadas.

Wendy: Você conhece fadas? Como elas são? De que tamanho?...

Peter: Às vezes elas são bem chatas (Sininho faz uma careta para ele, entra no Baú, sem querer, Nana, fecha o Baú), vivem se metendo no meio do caminho, às vezes eu até me escondo delas. Mas eu gosto das fadas. Sabe Wendy, quando o primeiro bebê riu pela primeira vez, a risada dele se quebrou em mil pedacinhos e cada um saiu saltitando... Cada um virou uma fada, foi assim que elas apareceram. Por isso deveria existir pelo menos uma fada para cada menino ou menina.

Wendy: Devia? Não existe?

Peter: Não, é o seguinte: hoje em dia as crianças sabem tanta coisa que logo deixa de acreditar em fadas. E cada vez que uma criança diz “eu não acredito em fadas”, em algum lugar uma fada cai morta. (Lembrando de Sininho) Não consigo entender por que ela se esconde, onde ela se meteu. Sininho! Sininho!

Wendy: Peter, você não vai me dizer que tem uma fada aqui dentro desse quarto!

Peter: Ela estava aqui ainda agorinha. Por acaso você não a está ouvindo?

Wendy: A única coisa que eu estou ouvindo é uma musiquinha parecida com o som de sinos.

Peter: Pois bem, é ela, é Sininho. Essa é a língua das fadas. Acho que também estou ouvindo. (Contente) Wendy, acho que ela está presa no baú.

(Peter abre a tampa do baú, Sininho corre pelo quarto, muito brava)

Peter: Você não devia ficar falando essas coisas. É claro que eu estou triste por você ter ficado presa lá dentro, mas como é que eu ia saber que você estava no baú?

Wendy: Ah, Peter! Se ela parasse quieta um instantinho para eu poder ver...

Peter: Elas quase nunca param quietas...

(Sininho senta-se um pouquinho)

Wendy: ah, que amor!

Peter: Sino... Esta dama diz que gostaria que você fosse a fadinha dela.

(Sininho apenas mexe a boca enquanto sai um som de sinos, mostra a língua)

Wendy: que foi que ela disse Peter?

Peter: Ela não é muito educada. Disse que você é uma menina grande e feia, e que ela já é minha fada. (Para Sininho) Você sabe muito bem que não pode ser minha fada Sino, porque sou um cavaleiro, e você é uma dama.

Sininho: (Sai de cena emburrada)

Peter: Desculpe, ela é uma fadinha bem comum, uma funileira, encarregada de consertar panelas e chaleiras lá no reino das fadas.

Wendy: Se você mora nos jardins das Fadas...

Peter: Não moro mais, moro num esconderijo.

Wendy: Mas onde você mora de verdade?

Peter: Com os meninos perdidos.

Wendy: Quem são eles?

Peter: São crianças que caem dos carrinhos quando as babás não estão prestando atenção. Se em sete dias ninguém for procurar por eles, eles são mandados para a Terra do Nunca. Eu sou o chefe.

Wendy: Deve ser divertidíssimo.

Peter: E é mesmo... Mas ficamos muito sozinhos sabe? Eu não, mas eles sentem falta de uma companhia feminina, alguém que contasse histórias...

Wendy: Não tem nenhuma menina?

Peter: Não. Como você deve saber, as meninas são muito espertas e não caem dos carrinhos.

Wendy: Acho lindo o seu jeito de falar nas meninas, Peter. O João ali só nos despreza.

(Peter vai até a cama onde está João e o empurra)

Wendy: Devo te lembrar que você não é o chefe aqui. *(Ri)* mas eu sei que você só estava querendo ser gentil. Por isso, pode me dar um beijo.

Peter: *(Tristonho)* Bem que eu achei que depois você ia querer ele de volta. *(Oferece o dedal para ela)*

Wendy: *(Gentil)* Ah, meu Deus! *(dá um beijo nele)*

Peter: O que é isso?

Wendy: É um beijo, agora de verdade.... *(Dá um beijo nele)*

Peter: Gozado... E agora? Também te dou um?

(Sininho entra)

Wendy: Se você quiser...

(Peter dá um beijo em Wendy, Sininho puxa o cabelo dela)

Wendy: Ai!

Peter: O que foi?

Wendy: Tive a sensação de que alguém estava puxando o meu cabelo.

Peter: Deve ter sido Sininho. Nunca a vi tão mal comportada assim.

(Sininho começa a falar com Peter)

Peter: Ela disse que vai fazer isso com você, Wendy, toda vez que eu te der um beijo.

Wendy: Mas por quê?

Peter: Por que, Sininho?

Sininho: (suspira)

João: acho que ela tem ciúmes...

Miguel: Como você tem de mim com a mamãe ... (João dá uma cotovelada em Miguel) Ai! Ela é quem diz

Peter: Ela está tão esquisita. Eu sempre venho aqui para escutar as histórias. É que eu não sei nenhuma história, sabe? E nenhum dos meninos perdidos sabe contar histórias.

Wendy: Mas isso é horrível!

Peter: Você sabe por que as andorinhas só fazem ninhos nos beirais dos telhados? Para poderem ouvir histórias. Sua mãe estava contando uma tão bonita, mas vocês dormiram e ela parou.

Wendy: Qual?

Peter: A da princesa que dormiu por 100 anos...

Wendy: Essa história era da Bela Adormecida.

Peter: E como acaba?

João: O príncipe houve uma lenda sobre a princesa que dormia na torre, consegue chegar até ela e lhe dá um beijo, despertando-a.

(Peter se levanta em um pulo e vai até a janela)

Wendy: Aonde você vai?

Peter: Contar aos outros meninos.

Wendy: Não vá Peter. Eu sei tantas histórias. Ah, tantas histórias que eu poderia contar para os meninos.

(Peter segura o seu braço e a puxa em direção da janela. Naná pressente o perigo e sai de cena para buscar os pais)

Wendy: Me solte!

Peter: Wendy, por favor, venha comigo e conte...

Wendy: Puxa eu não posso... Pense só na mamãe, e além do mais eu não sei voar.

Peter: Eu te ensino...

Miguel: Que maravilha voar!

João: Uma aventura!

Peter: Então? Eu ensino vocês a voar. E João lá tem sereias...

João: Sereias! Com rabos?

Peter: Enormes!

Miguel: Ah, ver sereias...

Peter: Wendy, você podia ajeitar nossas cobertas de noite. Nunca nenhum de nós teve ninguém que ajeitasse nossas cobertas de noite.

Wendy: Ah... (Estende os braços para ele). É claro que é fascinante. Demais! Você ensina João e Miguel a voar também?

Peter: Se você quiser...

Wendy: Meninos, Peter Pan vai nos ensinar a voar!

João: (Para Peter) Você sabe voar mesmo?

Peter: Sei sim!

João e Miguel: Que maravilha!

Wendy: Que amor!

Peter: Sou mesmo. Um amor. Um amor.

João: Explique como a gente tem que fazer.

Peter: É só pensar em coisas boas e esses pensamentos felizes vão te fazer subir no ar.

João: Agora eu aprendi Wendy!

(João, Wendy e Miguel tentam voar pulando das camas, mas só caem)

Peter: Primeiro vocês precisam de um pouco de poeira das fadas. (Joga um pouco de glitter nas crianças)

Miguel: Vamos voar lá fora?

(João pega a sua cartola e todos saem pela janela. Em seguida entram Sra. Darling, Sr. Darling e Naná, mas já era tarde demais)

Cena 7 – Vamos para a Terra do Nunca

(Sininho, Peter, Wendy, João e Miguel indo para a Terra do Nunca)

Peter: Olhe, lá está ela!

João, Wendy e Miguel: Cadê? Cadê?

Peter: Ali, naquele lugar para onde todas as flechas estão apontando.

Miguel: João olha lá a lagoa!

Wendy: Veja Miguel, sua caverna!

Miguel: Olhe ali João, estou vendo a fumaça do acampamento dos índios!

João: Onde? Me mostre que pelo jeito dela subir eu digo se estão se preparando para a guerra.

Miguel: Bem ali.

João: Estou vendo. É sim, estão se preparando para a guerra!

Peter: Vocês querem uma aventura agora ou depois do jantar?

Wendy: Depois do jantar.

João: Que tipo de aventura?

Peter: Tem um pirata dormindo nos pampas bem embaixo da gente, podemos ir lá e acabar com ele.

João: Tem muitos piratas na ilha?

Peter: Muitos.

João: E quem é o chefe deles?

Peter: Capitão Gancho.

Miguel: E como ele é?

Peter: Terrível. Barba longa, um olho só e só uma mão...

Wendy: Como assim?

Peter: Eu cortei fora um pedaço dele.

João: Você?

Peter: É... Eu mesmo.

Miguel: Mas que pedaço?

Peter: A mão direita. E dei para o crocodilo comer. O Diabo é que ele gostou tanto que vive atrás do Gancho! (ri).

João: Então agora ele não pode lutar?

Peter: Pode sim...

Wendy: É canhoto?

Peter: Colocou um gancho de ferro no lugar da mão, e espeta com ele.

João: Espeta?

Peter: Foi o que eu disse João. Meninos tem uma coisa que todo menino que serve sob minhas ordens tem que prometer, e você também Miguel. É o seguinte: se encontrarmos com gancho numa luta, você tem que deixar ele pra mim.

João: Prometo.

Miguel: Eu também!

(Sininho fala alguma coisa com Peter)

Peter: Ela está me dizendo que os piratas nos viram antes de escurecer e estão preparando o canhão.

Miguel: O canhão?

Peter: É, e por perto na certo vão atirar.

João: Então ela vai ter que ficar abaixados para que eles não vejam.

Peter: Grande ideia.

(Sininho começa a andar abaixada e os quatro em volta dela)

Peter: Como eu sou esperto!

(Os cinco começam a andar e olhar para os lados. Silêncio absoluto)

Miguel: Ah, se pelo menos tivesse algum barulho.

(Som de canhão, os cinco caem. Blackout. Acendem-se as luzes só Sininho e Wendy, Sininho se levanta chamando Wendy e ela vai atrás.).

Cena 8 – Piratas

(Na Terra do Nunca. Meninos, andando um atrás do outro cada um com uma adaga na mão, atravessam a cena. Em seguida, Os Piratas. Gancho, seguido de Smee, Barrica e Bill Jukes. Todos com espadas na mão. Os piratas saem. Os índios entram em cena, esses muito silenciosos e atentos, saem de cena. Ouve-se um tic-tac. Os meninos entram em cena.)

Menino 1: Quando o Peter voltar, esses piratas vão ver.

Menino 2: Eu não tenho medo de pirata... Mas eu bem que gostaria que ele voltasse logo e nos contasse de uma vez por toda se ouviu mais alguma coisa sobre a Bela Adormecida.

Menino 3: Eu penso na minha mãe, tenho certeza de que a Wendy deve ser muito parecida com ela.

Menino 1: A única coisa que eu me lembro da minha mãe é que ela sempre dizia ao meu pai: leve um casaco James, eu levaria sempre um casaco só pra ela ficar feliz.

(Ouve-se a música dos piratas ao longe, os meninos entram na casa deles.
Entram os piratas)

Gancho: Procurem os meninos.

(Saem e só ficam Smee e Gancho)

Gancho: Mais que tudo eu quero Peter Pan. Foi ele que cortou o meu braço. Há muito tempo que eu estou querendo apertar a mão dele com isso aqui.

Smee: Mas, capitão, eu sempre ouvi o senhor dizer que esse gancho valia mais que dez mãos.

Gancho: É... Mas Peter jogou meu braço para um crocodilo que estava passando.

Smee: Bem que eu reparei que o senhor tem um senhor tem um estranho pavor de crocodilos.

Gancho: De crocodilos não. De certo crocodilo. Ele gostou tanto do meu braço que me persegue por mar e terra, lambendo os beiços, esperando o resto de mim...

Smee: De certa forma, isso é um elogio...

Gancho: Não quero saber desse tipo de elogios, quero saber é de Peter... Esse crocodilo já teria me pegado se ele não tivesse engolido um despertador que fica fazendo tique taque dentro dele. Quando ele vai chegando perto eu ouço o tique taque e dou um pulo...

Smee: Qualquer dia a corda do relógio acaba e aí ele te pega...

Gancho: Pois é exatamente disso que eu tenho medo.

(Gancho percebe o buraco de onde os meninos entraram, chega mais perto)

Gancho: Smee, estou ouvindo vozes... e parece que Peter Pan não está em casa...

Smee: Descobrimos a casa dos meninos perdidos capitão!

(Os dois começam a cantar. Ouve-se um som de tique taque)

Gancho: O crocodilo!

(Sai correndo, seguido de Smee)

Cena 9 – Matar o pássaro

(Entra Sininho e fala com um dos meninos, que olha para o céu)

1: Meninos, meninos venham.

(Os meninos entram em cena)

1: Eu vi a coisa mais maravilhosa! Um pássaro grande e branco, e parece que está voando para cá.

2: Que tipo de pássaro?

3: Não sei, mas parece ...

1: A Sininho mandou atirar num pássaro chamado Wendy.

2: Lá vem ele!

(Sininho vem na frente de Wendy)

3: Vamos fazer o que o Peter quer. Peguem os arcos e as flechas!

Sininho: *(Maldosa)* Depressa! Peter vai ficar tão contente!

2: Sai da frente Sininho!

(Meninos miram em Wendy que cai, ele vai até ela. Os meninos saem da casa com seus arcos e flechas)

1: Vocês se atrasaram! Já matei o pássaro Wendy, Peter vai ficar contente comigo.

Sininho: (Rindo. Os meninos vão até Wendy)

2: Eu acho que isso não é um pássaro, parece uma moça.

3: Uma moça?

2: E nós a matamos...

1: Agora estou entendendo... Peter estava trazendo ela pra gente.

3: Até que enfim, uma moça pra tomar conta da gente...

2: E você tinha que matar....

1: Eu fiz mesmo uma coisa horrível dessas... Eu sempre sonhava com moças, e quando elas chegavam perto, nos meus sonhos, eu dizia: Mamãe linda, mamãe linda. Só que quando ela chegou de verdade, eu atirei nela. (Vai indo embora)

1: Eu tenho que ir, estou morrendo de medo de Peter.

(Ouve-se um cocoricó)

Todos: Peter! Vamos esconder a moça...

(Todos se juntam em volta de Wendy, mas Piuí fica um passo na frente. Outro cocoricó. Peter entra)

Peter: Oi pessoal! (*Todos ficam em silencio*) Ei, gente eu voltei! Por que é que ninguém grita? Ninguém dá viva? Tenho ótimas notícias pra vocês! Finalmente eu trouxe a mãe que todos queriam tanto!

(Todos ficam em silencio,)

Peter: Será que ninguém viu? Ela estava voando pra cá.

1: Coitado de mim...

2: Que dia mais infeliz!

3: Peter, eu vou lhe mostrar o que aconteceu com ela. Cheguem pra trás, deixem Peter ver.

Peter: (Sem jeito) Ela está morta. Talvez esteja assustada de estar morta... (Percebe que ela está com uma flecha). Quem foi que atirou nela?

1: Eu Peter...

Peter: Ai que mão maldita!

1: Pode me castigar Peter, eu mereço.

Peter: Não consigo, tem alguma coisa que segura a minha mão. (Wendy segura Peter)

2: É ela! (Abaixa-se para ouvir o que Wendy está dizendo) Ela não morreu!

Peter: Ela está viva...

Todos: Viva! A moça Wendy está viva!

(Peter abaixa-se ao lado de Wendy e pega o botão que ele deu pra ela)

Peter: Vejam. A flecha bateu nisto. Foi o beijo que eu dei. Salvou a vida dela.

3: Beijos... eu lembro de beijos. Deixa eu ver. É sim, isto é um beijo.

2: Ouçam! Sininho está chorando porque Wendy está viva!

1: Sininho falou que você mandou...

2: Matar a Wendy.

Peter: Preste atenção Sininho: Eu não sou mais seu amigo! Suma para sempre. Nunca mais quero ver você.

(Wendy levanta o braço)

Peter: Está bem, não é para sempre. É por uma semana.

1: Vamos descer com ela lá pra casa, carregando.

2: Isso. É assim que a gente faz com as moças.

Peter: Vamos ficar aqui vigiando ela. Depressa, cada um pega o que temos de melhor em nossa casa.

(Entram João e Miguel, cansados)

Miguel: João! João! Cadê a Naná João? Cadê a mamãe?

João: É verdade, a gente voou... (Veem Peter).

João e Miguel: Oi Peter!

Peter: Oi.

João: Wendy está dormindo?

Miguel: João, vamos acordar Wendy e pedir para ela fazer o jantar da gente...

(Os outros meninos entram)

Peter: Ponham esses meninos para ajudar na vigia.

1: Sim senhor!

João: Vigia?

2: Para Wendy.

João: Para Wendy? Mas ela é só uma menina...

3: Pois é por isso mesmo que nós somos os criados dela.

João: Vocês? Os criados de Wendy?

Peter: Isso mesmo. E vocês também são. Andem logo com isso.

(Os meninos andam pegando coisas que acham interessantes, fazem vigia, dormem, acordam. Wendy se levanta)

Wendy: Onde estou?

1: Na Terra do Nunca!

Todos: Por favor, senhorita Wendy, seja nossa mãe...

Wendy: É claro que eu adoraria, ia ser ótimo tentar. Mas eu sou só uma menina pequena...

Peter: Não tem importância. O que nós estamos precisando é de uma pessoa que nos conte histórias...

Wendy: Que bom, assim eu posso ajudar.

Todos: Oba!

Wendy: Então andem logo seus meninos levados! Vou botar logo vocês na cama que está na hora. Antes disso só vai dar tempo de terminar a história da Bela Adormecida.

(Todos se deitam e Wendy começa a contar uma história)

Cena 10 – Espírito da lagoa

(Começa a ficar escuro e Peter se levanta)

Peter: Piratas!

(Todos os meninos se levantam)

Peter: Mergulhem!

(Os meninos se escondem atrás da pedra. Entram os piratas com Lírio Selvagem amarrada. Esbarram na pedra)

Barrica: Cuidado seu idiota, olha aí a pedra. Agora a gente tem que deixar a índia aí. Daqui a pouco o nível da água sobe e ela vai se afogar.

Voz de Gancho: Ei, seus idiotas!

Bill: Ué, o capitão...

Barrica: Ele deve estar nadando em direção à gente.

Bill: Estamos largando a índia na pedra...

Voz de Gancho: Deixem ela ir embora!

Bill: Mas capitão...

Voz de Gancho: Imediatamente, estão me ouvindo? Se não, enfio o gancho em vocês...

Barrica: Que coisa esquisita...

Bill: É melhor eu fazer o que o capitão está mandando.

Barrica: Sim, senhor!

(Corta as cordas que amarra a índia. Ela mergulha atrás da pedra)

Gancho: Barco, atenção! Barco!

Peter: (Para Wendy) Eu não sou maravilhoso?

(Entra Gancho com Smee)

Barrica: Está tudo bem capitão?

Gancho: Acabou a brincadeira! Os meninos encontraram uma mãe.

Bill: Oh, dia cruel!

Barrica: O que é uma mãe?

Wendy: Meu Deus! Ele nem sabe!...

Bill: Capitão será que a gente não podia sequestrar a mãe desses meninos para ficar sendo a mãe da gente?

Gancho: Grande ideia! Vamos agarrar os meninos, fazemos eles andarem pela prancha e Wendy será nossa refém.

Barrica: Mas ela vai querer ser nossa mãe sendo refém?

Wendy: Nunca!

Gancho: Quem precisa de uma mãe?

Bill: (levanta a mão, mas abaixa com medo). Nós...

Gancho: Cadê a índia?

Barrica: Tudo certo capitão, nós a soltamos.

Gancho: Soltaram?

Barrica: Direitinho como o senhor mandou.

Snee: Do jeito que o senhor gritou pra gente fazer.

Gancho: Com seiscentos milhões de pedras cobertas de limo!

Snee: se não foi o senhor, foi... foi... o espírito da lagoa!

(Os Piratas ficam em silencio)

Gancho: Que porcaria é essa que vocês estão falando?

Snee: Dizem que a lagoa é protegida por um espírito...

Gancho: Nós somos piratas! Que pirata querem mãe... e ouvem vozes de espíritos?

Barrica: Mas o senhor disse pra soltar a índia. Eu ouvi sua voz!

Gancho: Seus bobocas, eu não dei essa ordem... Mas já tenho uma ideia de quem.... Espírito que assombra esta lagoa, você está ouvindo?

Voz de Gancho: Com seiscentos milhões de algemas, grades e corrente, é claro que estou!

Gancho: Quem é você, estranho? Vamos, diga...

Voz de Gancho: Eu sou Gancho, capitão do Terror dos Mares.

Gancho: Não é, não, não é, não... Eu sou Gancho!

Voz de Gancho: Se disser isso de novo eu joga a ancora em você.

Gancho: Se você é o Capitão Gancho, então me diga quem eu sou...

Voz de Gancho: Um bacalhau, apenas um bacalhau seco...

Gancho: Um bacalhau?

Piratas: Nós estivemos esse tempo todo obedecendo às ordens de um bacalhau? que vergonha...

Gancho: Gancho, você tem outra voz?

Peter: Tenho sim.

Gancho: E outro nome?

Peter: Sim.

Gancho: Homem?

Peter: Não!

Gancho: Menino?

Peter: Sim.

Gancho: Menino comum?

Peter: Não.

Gancho: Mora na Inglaterra?

Peter: Não.

Gancho: Mora aqui?

Peter: Sim!

Gancho: (*Aos piratas*) Agora vocês fazem as perguntas. (Vai para perto de Peter que está distraído)

Smee: Não consigo pensar em nada.

Peter: Vocês não descubrem! vocês não descubrem! Desistem?

Piratas: Desistimos.

Peter: Pois fiquem sabendo que eu sou Peter Pan.

Gancho: Peter Pan! Agora o pegamos! Piratas para dentro da água.

Peter: Meninos vocês estão prontos?

Meninos: Estamos, estamos!

Peter: Então ao ataque.

(Os meninos e os piratas começam a lutar. Peter está à procura de gancho. Peter sobe na pedra e vê que gancho está na ponta dela, estende a mão)

Peter: Segure a minha mão, não vou lutar enquanto você estiver em desvantagem.

(Gancho segura a mão de Peter e lhe dá uma mordida. Ele fica sem reação e Gancho o fere. Peter cai na água. Gancho vai embora e os meninos não enxergam Peter, vão embora. Wendy, que esteve o tempo todo muito assustada, desmaia. Peter a puxa para a pedra)

Peter: Wendy nós estamos na pedra, mas esta cada vez menor, daqui a pouco a água vai cobrir tudo.

Wendy: Então é melhor ir embora.

Peter: É...

Wendy: Nadando ou voando?

Peter: Você consegue ir sem a minha ajuda?

Wendy: Que foi que aconteceu?

Peter: Gancho me feriu.

Wendy: Quer dizer que nós dois vamos nos afogar?

Peter: Veja como a água está subindo. Morrer vai ser uma aventura danada de grande...

(Os índios entram em cena e salvam Peter e Wendy)

(Blackout)

Cena 11 – Índios

(Os índios e meninos perdidos fazem uma festa.)

Lírio: Mim Tigrinho. Peter Pan me salva, mim sua glande amiga. Mim não deixar os piratas machucar seus amigos.

Peter: Obrigada Princesa Tigrinho.

João: Algum de vocês quer ver um truque que eu aprendi? (Tira a cartola).

Todos: Não.

João: Eu imaginei que ninguém ia querer.

Pequeno Trovão: Princesa Tigrinho, vamos enquanto a lua esconde nossa passagem?

Raposa Celeste: Mim, Raposa Celeste, gostar muito de vocês crianças da Inglatela (ri)

Tigrinho: Vamos! Precisamos voltar para a aldeia.

Wendy: Vão todos se arrumar para dormir!

(Fora da casa)

Peter: Atenção meus bravos, eu falei.

(Na casa)

Wendy: Crianças seu pai está chegando, e vocês sabem que ele gosta que vocês fiquem na porta esperando por ele.

(Peter entra)

1: Que bom que o senhor chegou pai!

2: A mamãe nos contou que a pipa do Miguel voou até a pedra...

3: E o senhor mandou que a mamãe segurasse nela para que ela se salvasse.

Miguel: Mas como foi que você se salvou?

Peter: Os índios são nossos amigos, vão fazer nossa segurança. E ainda vão dar um susto nos Piratas.

1: Papai, nós queremos dançar.

Peter: Pois dance. (começa música de festa).

2: Mas queremos que o senhor dance...

3: E a mamãe também.

Wendy: O quê?

Peter: Nessas condições...

Wendy: Então todos tem que dançar.

João: Mas não temos par! *(Todos vão se arrumando e Peter se senta pensativo).*

Wendy: Usem a imaginação!

Peter e Wendy (dançam):

Wendy: Peter, que foi?

Peter: Eu estava pensando... É só faz de conta não é? Eu não sou pai dele de verdade, não é?

Wendy: *(Sem jeito)* É...

Peter: Sabe, se eu fosse pai deles ia parecer tão velho...

Wendy: Mas são nossos, seus e meus.

Peter: Mas não é de verdade. Ou é Wendy?

Wendy: Não.

(Os meninos chegam perto)

Wendy: Vocês estão cansados! Já para a cama que eu vou contar uma história para vocês dormirem.

(Todos vão para a cama, Wendy se senta ao lado e Peter em uma cadeira)

Wendy: Era uma vez um senhor...

1: Eu preferia que fosse uma senhora.

Wendy: Está bem, era uma vez uma senhora e um senhor. O nome dele era Sr Darling, e o nome dela era Sra. Darling.

João: Eu conheci os dois, sabem?

Miguel: Eu acho que também conheci...

Wendy: Eles eram casados e tinham três filhos, que tinham uma babá muito fiel chamada Naná. Um dia o Sr Darling ficou zangado com ela e a prendeu numa corrente no quintal. Por isso, as crianças acabaram voando e fugindo para a Terra do nunca, onde moram os meninos perdidos. Agora eu quero q vocês imaginem como os pais ficam infelizes quando os filhos fogem, imaginem as caminhas vazias... Ah, mas se vocês soubessem como o amor de mãe é imenso. Sabem por quê? A mãe sempre vai deixar a janela aberta para que um dia seus filhos voltem para o quarto. E depois de um tempo os filhos voltam voando e vendo a janela aberta, para receberem a recompensa pela confiança absoluta no amor de mãe.

(Os meninos batem palmas. Peter dá um gemido)

Wendy: O que foi Peter, querido? Onde está doendo?

Peter: Não é esse tipo de dor.

Wendy: Então que tipo é?

Peter: Você está enganada sobre as mães Wendy. Eu também pensava que elas eram assim por isso fique fora de casa por muitas e muitas luas e quando eu voltei a janela do meu quarto tinha grades e tinha um menino dormindo na minha cama, porque a minha mãe tinha esquecido de mim.

Wendy: Não pode ser, uma mãe jamais esquece de um filho. Ela pode ter outro, mas nenhum filho pode substituir o outro. Cada um tem o seu lugar.

Peter: tem certeza Wendy?

Wendy: Absoluta.

João e Miguel: Wendy, vamos para a casa!

Wendy: *(Abraça os dois)* Vamos...

Meninos perdidos: Mas esta noite?

Wendy: Agora mesmo. Peter, você toma as providencias necessárias?

Peter: Se é isso que você quer...

1: (começa a chorar). Eu vou ficar muito triste!

2: Vamos sentir sua falta!

3: Eu não quero que vocês vão!

Miguel: Wendy eles não poderiam ir com a gente?

João: Mas não tem lugar em casa para todos!

Wendy: Nós poderíamos tentar encontrar as mães?

Peter: Esperem! Vocês vão querer crescer? Virar um adulto como são os piratas? Ter que estudar todo dia! Tomar banho todo dia! Deixar de voar... Ter que trabalhar e chegar cansado, pagar contas ...

João e Miguel: É...

(Meninos ficam desnorteados)

Wendy: Mas vão ter mães, receber beijos, conhecer coisas novas, ganhar presentes no Natal, ouvir histórias, conhecer meninas... ter seus filhos de verdade

João e Miguel: É...

Peter: mas você estava triste porque ia ter que crescer, sair do quarto das crianças! Ter aulas com sua Tia Annie para aprender a se comportar como adulta!

Wendy: Eu sei... mas eu quero poder dar aulas para crianças, contar muitas histórias, quero conhecer lugares diferentes, estudar, encontrar alguém para entregar meu coração e ter uma família, meus filhos... minha própria casa. Crescer também é bom Peter!

Meninos: Vamos Peter? Vamos para a Inglaterra!

Peter: Se vocês quiserem podem ir... Eu vou ficar aqui, voar com fadas e lutar com Piratas.

João: mas como vamos embora sem a Sininho?

Meninos: É mesmo....

Peter: Podem chamá-la!

Sininho: (aparece mas diz que não vai sem que Peter faça as pazes com ela)

Menino 1 : Ela disse Peter que não vai fazer nada sem que você dê a ordem.

Menino 2: Você vai dar a ordem papai?

Peter: Eu. Eu... não sou mais o pai de vocês! E também não vou dar ordem nenhuma.

Wendy: Já está na hora de você perdoar a Sininho.

Sininho: (balança a cabeça), falando que a Wendy tem razão.

Peter: Eu sei que você quer que eles vão embora Sininho, mas também você é a única que quer ficar aqui comigo... Você quer, não quer?

Sininho: (se balança toda e suspira).

Wendy: Peter muito obrigada, por ter nos trazido aqui, adoramos te conhecer, mas precisamos voltar pra casa!

Peter: É eu sei... Um dia vocês iam querer, mas eu ... eu ... vou sentir saudades.

Todos: Heh!!! Peter também tem coração mole!

Miguel: Peter, você vai visitar a gente não é?

Wendy: Sim! Peter você vai!!??

Sininho: (Concordando)

Peter: Agora você fala por mim, sua fadinha funileira?

Sininho:(faz cócegas em Peter)

Peter: Tá bom, tá bom, eu vou!!!! (Sininho reclama) Nós Vamos !

Wendy: E agora, vamos todos voar para a Inglaterra!

Peter: Atenção crianças, tenham pensamentos felizes!!!!

Fim

Um dia de Paz

peça teatral de Vanessa Ratton

Personagens:

Mãe

Déa

Fada Zen

Fada Azul

Fada Rosa

Aline

Gustavo

Vicente

André

Professor

Professora

Menino 1

Menino 2

Menino 3

Menina 1

Menina 2

Menina 3

Cenários:

Floresta do Sonho, Escola, Rua, Quadra de Basquete, Casa de Déa

Cena 1

(Déa está brincando com fadas na floresta. Do outro lado da cena é a casa da menina. Som de pássaros e água).

Zen: Vamos Déa está quase na hora de você acordar!

Dea: Mas, já Zen? Estou tão bem aqui! Gosto tanto de brincar com vocês, que pena!

Azul: Mas amanhã, quando você adormecer, você vem de novo!

Dea: Venho sim, Azul. Mas vamos rodar só mais um pouquinho, eu sinto uma paz quando estou aqui na floresta!

Rosa: Toda a Natureza é feita de Paz, Dea! No mundo dos sonhos e no mundo real. Basta procurar a Paz que você encontra!

Zen: Agora é hora de ir!

(Apaga fogo na floresta e acende o fogo na casa de Déa. A mãe está chamando a menina)

Cena 2

Mãe: Oh, Dea, vamos acordar menina! Olha a hora, vai perder a escola filha! Ah, quanta bagunça, parece que passou um furacão aqui! Meu Deus, Dea você colocou o tênis para lavar? Tudo eu aqui, ninguém ajuda!

Dea: Bom dia mãe! (dá um beijo)

Mãe: O dia tem que ser bom mesmo, hoje vai ser uma correria só! Vamos menina, já estou atrasada e o trânsito deve estar uma loucura!

Dea: Como todo dia né mãe?

Mãe: Cadê os papéis, minha bolsa, celular, chave do carro, chave escritório, pega o tablet... (Dea vai passando as coisas para a mãe). A pasta de projetos, seu lanche Dea... esqueci seu lanche!

Dea: Tudo bem mãe, hoje tem aniversário na escola, vai ter festa!

Mãe: Aniversário? Meu Deus, tenho que comprar presente da sua vó! Vamos Dea,

não tenho tempo, ah, Deus eu preciso de tempo, não,,não,, eu preciso de paz!

Dea: (saindo de cena) Todo dia igual....

Cena 3

(Entra do outro lado da cena uma menina de uniforme chorando)

Dea: Nossa Aline, o que aconteceu?

Aline: Um menino levou minha peteca, tirou de mim porque era mais forte e disse que era dele. (chora) Foi minha avó que me deu, era a única lembrança que eu tinha dela.

Dea: Isso está errado!

(A menina pequena fechou os olhos num suspiro forte e Dea lhe apertou em um abraço protetor.

Dea: Eu já passei por uma situação parecida quando entrei na escola. Vou falar com a professora, ela é ainda mais forte e poderá nos ajudar a ter a peteca de volta.

Aline: Não! Eu tenho medo! Eu só quero ficar em paz (sai correndo).

(Deia fica parada triste, pensando. Entra Zen, para alegrá-la)

Zen: Dea! Não deixa a tristeza tomar conta de você! Eu estou aqui.

Dea: Porque todos não são bons e educados? O que acontece na vida das crianças que as deixassem assim, enfurecidas, violentas, sem amor...

Zen: No fundo, no fundo todos são bons e amigos. Mas, precisamos conhecer a vida de cada um para entender o que os deixa tão tristes e amargos que querem descontar nos outros a sua frustração, a sua raiva.

Dea: É por isso que gosto de sonhar. Nos meus sonhos eu imagino um mundo diferente, onde todos são felizes e amigos, e uns ajudam os outros, e todos brincam juntos.

Zen: Lembre-se, você deve procurar este mundo aqui! Esse mundo diferente precisa ser construído.

Dea: Nossa os engenheiros vão ter um trabalho enorme! É que você é uma fada Zen, se você visse os jornais na TV, você ia ver que existe guerra no mundo todo.

Zen: Não Dea, tudo isso é ilusão. O mundo é um lugar de paz e harmonia. Veja a Natureza, existe equilíbrio em tudo. Dia, noite. Calor, frio, sol e chuva. Tudo é necessário para produzir alimento, limpar o ar, irrigar a terra para os frutos nascerem. O ser humano é que se ilude com poder e ambição, isso tudo é ilusão! Só o amor existe. E a falta dele causa desequilíbrio, doenças e guerras. Quando ficamos doentes, ou quando o homem envelhece é que percebe quanto tempo passou juntando coisas ou se preocupando com o que não terá como levar após a sua morte. A vida é finita!

Dea: E precisamos aproveitar cada minuto!

Zen: Isso mesmo! Portanto, respire fundo, vamos mais uma vez. Isso relaxa e se equilibre, sorria para a vida que ela sorrirá para você.

Dea: Ai Zen! É tão bom ter você por perto! Mas eu estou! Eu estou dentro de você, todo o tempo! De todos vocês! Vocês é que esquecem de me chamar! É só respirar bem fundo! Isso, assim (Dea vai respirando) leve o ar para o umbigo! (saem de cena com a fada fazendo cosquinha em Dea que ri).

Cena 4

(Entram crianças de uniformes que estão indo para a aula)

Menino 1: O meu cartaz é o mais bonito!

Menino 2: Não, o meu, olha aqui o saci, de papel laminado e glitter.

Menino 1: Ih, olha só, o Gustavo é o saci!

(E todos riram). Menos Gustavo e Dea. Ela logo correu para o amigo e disse):

Dea: Não liga Gugu, eles não sabem como você fica triste.

(Gustavo com raiva corre para chutar o menino que o chamou de Saci. E xinga todos. E empurra um menino. Entra um professor que leva Gustavo e outro menino para a Diretoria).

Professor: Muito bonito isso! Seu Gustavo, o que é isso?

Gugu: Eles me chamaram de saci, isso é preconceito!

Menino 2: Foi ele professor, essa besta! (aponta para o menino 1)

Professor: Sim e está errado racismo é crime e não devemos diferenciar as pessoas por sua raça, mas xingar e empurrar também é errado, portanto, os dois

vão para a Diretoria.

Dea: Viu que cena horrível? Quase todo dia tem isso na escola.

Zen: Ele foi atacado e sua dor foi tanta que perdeu a razão, agiu sem pensar e os dois serão suspensos. Nessas horas, é preciso respirar bem fundo e pensar antes de agir.

Dea: É, ele estava no direito dele, ninguém pode querer ridicularizar o outro, discriminar, mas não podemos retribuir com violência. Paz é não se deixar levar pelas emoções, é respirar bem fundo e ter controle sobre si mesmo. Decidir o que fazer para não se arrepender depois.

Zen: Muito bem! Acho que você vai conseguir encontrar a paz que procura no seu mundo.

Dea: Eu? Imagina Zen, você é uma fada, eu sou só uma menina, tem tanto político, religioso, professor, artista famoso que luta pela paz, o que eu... euzinha vou conseguir fazer?

Zen: Isso você é que vai ter que descobrir! E aí você virá me contar quando adormecer ! Até mais tarde!

Dea: Mas, eu... Meu DE-US, fala sério? O que eu, vou conseguir fazer? Não sei nem onde começar a procurar... Ei você! (para a plateia) Você sabe onde encontro a paz? Alguém sabe o que fazer?...

Cena 5

(Entra Vicente, um garoto que tinha cabelo comprido e mais dois meninos)

Menino 2: Olha lá! Olha a menininha?

Menino 3: (joga a mochila dele para longe) Sai daqui seu emo, emo-cional, deve ser coisa de boiola. (saem de cena)

Dea: (corre para pegar a mochila do garoto e entrega para ele. O menino chuta um cão imaginário, ouve-se o choro de um cachorro).

Dea: Não, não faz isso! O que o cachorro tem com o que os meninos fizeram? Não desconta nos animais... Tome a sua mochila! respira fundo, eles são covardes, porque vem em dois pra mexer com você. Não liga, não entra na deles.

Vicente: Desculpa Dea, eu não pensei!

Dea: Você sofreu e fez outro sofrer também, como pode se sentir melhor descontando seu sofrimento causando dor em outro ser?

Vicente: É foi mal, desculpe! É que eu não aguento.

Dea: Vicente, tudo que acontece na escola, que não é diferente daqui da vizinhança, da nossa cidade. Está errado, a gente precisa mudar isso!

Vicente: Mas como? Sempre foi assim. Não dá pra mudar.

Dea: Não, nem sempre foi assim. Podia acontecer um pouco, mas do jeito que está aonde vamos parar? Olha, uma vez, a minha vizinha Ana, uma menina que estava acima do peso, ela chorava de soluçar na varanda. Eu perguntei por que ela estava assim, e ela me contou que as meninas da sua turma de ballet a chamaram de baleia, porque era gorda, e não queriam que ela participasse da apresentação no teatro porque ela era feia e parecia uma baleia.

Vicente: É chato pra caramba esse negócio de apelido e tiração de sarro. Cada um tem que ser como é.

Dea: Isso! Por que todos não podem conviver em paz e se aceitar?

Vicente: Sim, quem disse que todos têm que ser iguais ou terem o mesmo corpo, tipo de cabelo ou pele? E quem disse que tipo é o certo ou o melhor, ou mais bonito?

Dea: Isso! Veja, paz é aceitar as diferenças e que bom que elas existem porque todos iguais agindo da mesma forma, se vestindo igual, ouvindo as mesmas músicas, íamos todos parecer robôs.

Vicente: Vamos, Dea! Vamos que temos aula de redação.

Cena 6

(Alunos vão entrando com suas cadeiras do outro lado da cena. Vicente e Dea se juntam a eles com cadeiras trazidas pelos colegas. Entra a professora)

Professora: Bom dia classe!

Alunos: Bom dia professora Carla! (ela entrega uma história para cada aluno)

professora: Hoje, eu gostaria que cada um lesse uma frase do texto que eu entreguei a vocês.

(Cada um lê uma frase. Quando chega a vez de André, ele respira fundo para tentar ler sem gaguejar, a classe inteira ri, inclusive Vicente).

Dea: Está errado professora! (Dea se levanta).

Professora: Sim Dea, você está correta. André precisa de paz para conseguir ler. Ele tem mais dificuldades do que nós para falar, mas ele é melhor do que nós em matemática. Todo mundo tem dificuldade em alguma coisa. Ele precisa ficar calmo e não com medo de nós para que consiga ler. Dea muito obrigada pela sua fala. Todos aqui temos sim que respeitar o André e apoiá-lo. Afinal somos todos seus amigos. Você está bem André?

(O menino fez que sim com a cabeça. Todos da classe começaram a pedir desculpas para André).

Menina 1: Foi mal - disse uma.

Menino 2: Perdão, parça. - disse o outro.

Vicente: Sempre me zoam porque eu tenho cabelo comprido, eu não deveria fazer isso com você!

Professora: Muito bem, Vicente. O que não queremos para nós, não devemos fazer para os outros. Você gostaria de continuar André?

André: Sim. (disse confiante. E leu sua parte do texto. Todos comemoram.

Professora: Como você se sente agora André?

André: Tô na Paz! (Se levanta e abraça Dea. Todos aplaudiram e foram participar daquele abraço. Dea, André, a professora e todos os colegas se transformaram em um só naquele instante, formando um coração. Bate o sinal, crianças saem para casa levando as cadeiras. Dea e Vicente voltam para casa juntos).

Cena 7

Dea: Você viu o poder daquele abraço coletivo? dos sorrisos que se seguiram e das palavras amigas?

Vicente: É, pode ser só uma gotinha no oceano da vida do André, que vai por muitas turbulências ainda, mas fez a diferença no dia dele, em como ele se sentiu depois do ocorrido, mudando a sua sensação de ruim para boa.

Dea: Sim! Você viu que quando a professora perguntou como ele estava se sentindo naquele momento do abraço e no que ele respondeu: - Agora estou em paz!

Vicente: Ele foi acolhido, estava feliz, seguro, confortável, aceito....

Dea: Nossa Vicente. quantas coisas boas cabem dentro da palavra PAZ!

Cena 8

(entram meninas)

Menina 1: Nós não podemos jogar basquete, os garotos dominam a quadra nas horas livres para a prática de esporte.

Menina 2: Eu implorei para podermos jogar, pelo menos no dia da semana combinado com o professor de Educação Física.

Menina 3: Não adianta, os meninos chegam, começam a xingar, vão entrando na quadra e empurram a gente.

Dea: Não acredito! Viu isso Vicente? Vicente, gente ele saiu eu nem vi...

Menina 1: Isso não era justo! Precisamos convencer o professor para que ele faça com que nosso direito seja respeitado. Temos mais meninas do que meninos no Colégio, somos tão alunas quanto eles e temos os mesmos direitos.

Menina 2: Não adianta, ele é homem e vai defender os meninos. Vai dizer que temos que entender que eles tem que treinar para o campeonato das escolas e que devemos fazer ballet ou artes.

Dea: Mas deveria existir regras de convivência para o uso da quadra e todos deveriam poder usá-la.

Menina 3: Mas, nada disso dá certo porque o professor, que é a pessoa responsável por fazer a regra ser cumprida fizer de conta que isso é bobagem.

Dea: Você acha que por ser homem, ele vai acabar defendendo os meninos ou fazendo de conta que não era um problema a ser discutido?

Menina 2: Vamos falar com a professora! (Uma menina sai e volta com os professores)

Menina 1: Sim. É ele que treina o time de futebol para o campeonato da escola. Ele vai dizer que eles tem que treinar pra poder ganhar!

Dea: Precisamos de igualdade!

Professor: Tudo bem, tudo bem meninas. Eu compreendi a necessidade de vocês. Vou avisar os meninos que eles têm que cumprir as regras e vou ficar de olho!

Professora: Muito bem professor Thiago, porque eu vou ficar de olho em você também!

Todas: Viva!

Professor: E vocês podem começar por hoje! Vou avisar os meninos porque depois temos uma reunião. (sai com a professora)

Dea: Afinal, foi muito bom agir para ter um acordo ao invés de só reclamar. Paz não é passividade, ou aceitar tudo sem reclamar. É preciso lutar por ela.

(começa o jogo. Tudo ia bem no começo do jogo. De repente, os meninos chegaram, gritando. Mexendo com as meninas, levantando suas saias. Ficavam mandando beijinhos, jogavam bolinhas de papel e tiravam sarro das moças. As meninas ficaram com vergonha, se sentiram ameaçadas e foram embora.

Dea: Isso também é violência! (Dea gritou). Mas que droga! Eu queria bater em vocês!

Cena 9

(Dea vai para a frente do palco. Meninos saem)

Ela estava aborrecida com a invasão dos garotos. fecha os punhos, respira mais forte. e repente começa a ouvir os sons dos passarinhos da cena inicial. Respira fundo e vai se acalmando)

Dea: Respire fundo! Respire fundo! Eu não vou ser violenta, vou usar essa agressividade para fazer uma ação que mude isso! (Ela se senta no chão, pega no celular e entra no facebook)

Vou criar um grupo no facebook, aí sim só de meninas da escola, todas as meninas da escola. Um grupo secreto! Vou adicionar a Eliana, a Aline, a Marcia, a Sonia, a Maga, a Amanda, a Katia, isso, menina adicionem suas irmãs, suas amigas, todas as meninas do colégio! Vou contar pra todas o que está acontecendo, vou sim! E olha só, vamos convidar todas para o próximo jogo. Isso amigo, não, não sem violência! Nós somos pessoas de bem, se nos unirmos,

vamos vencer esses bobos! Amanda quer que os pais liguem no colégio pra reclamar, sim, sim, isso pode, com educação! Katia vai fazer um abaixo assinado, ótimo! Isso aí...Nossa, eu não sabia que a agressividade é uma energia que pode ser usada para mudar o que está ruim. Pode ser usado de forma boa, positiva.

(Ela se levanta e sai de cena. Do outro lado vão entrando as meninas para o jogo. Levam cartazes e faixas apoiando o time e o uso da quadra. "Usar a quadra é um direito de todos". O jogo começou, e alguns minutos depois, garotos se aproximaram com cara de bravos, mas nenhum deles abriu a boca, ficam assustados com a quantidade de meninas que ocuparam o ginásio sem nenhuma violência).

Cena 10

Professor: (entrando) Foi o jogo mais emocionante que eu já vi! Venham aqui garotos e garotas! Vocês homenzinhos, devem respeitar o direito delas de usar a quadra! Afinal, elas são tão alunas desta escola quanto vocês! E se brigarmos com elas, quem vai torcer pelo nosso time na final?

Menino 1: Foi mal, meninas! É que precisamos treinar, há dois anos não ganhamos o campeonato.

Menino 2: Sou o capitão do time e minha irmã brigou comigo por causa de vocês. Acho mesmo que estávamos tão preocupados em ganhar da outra escola que passamos por cima de vocês, isso não é legal!

Menina 1: Mas se o problema é esse! Podemos combinar de emprestarmos pra vocês a quadra até o final do campeonato, que é daqui há 20 dias, e depois vocês deixam a gente usar um dia a mais pra compensar.

Dea: Viu, vocês conversando se entenderam, não é necessário brigar!

Professor: Agora, todos juntos aqui, vamos lá, somos todos da mesma escola! (abraço coletivo) Hip hip, urra! (todos saem carregando o professor. A fada Zen aparece por traz e abraça Dea levando-a para o centro do palco, música da floresta e as fadas vão entrando, uma de cada cor)

Zen: E depois Dea, o que aconteceu?

Dea: Eles pediram desculpas, sinceras desculpas, e as meninas aceitaram e todos se abraçaram.

Zen: Todos estavam felizes!

Dea: Eu senti uma energia de alegria tão grande que comecei a agradecer por todo aquele momento.

Zen: Aquele conflito, foi uma oportunidade única de aprendizado para todos.

Rosa: Portanto, devemos saber que os conflitos existirão, os problemas virão...

Azul: Mas a forma como reagimos a eles é que deve mudar.

Dea: Aquele foi um dia de paz, para todos que participaram ou estiveram ali. Paz também é justiça, igualdade e perdão. Será um dia inesquecível!

Zen: E então Dea, como se constrói a paz?

Dea: A Paz começa dentro da gente, Zen! Gratidão pela lição.

(As fadas fazem um círculo com Dea, e vão girando, girando, e todos os outros vão entrando no círculo e no depois todos agradecem a plateia e batem palmas)

FIM

A história da Água

de Vanessa Ratton

Personagens:

Apoema

Nhamandú Novo e Velho

Deus Indra

Agasha

Discípulo 1

Discípulo 2

Mãe

Crianças 1,2,3,4

Homem 1 e Homem 2

Mulher 1

Deus Brahma

Guarda 1 e 2

Deus Shiva

Deusa Ganga

Rei Sagara

Rei Bhagirath

Cenários

Floresta com pedra (uma das pedras é feita por um ator) e rio

Jardim dos deuses – Jardim dos Sábios – Palácio. Nenhum cenário precisa ser caracterizado com objetos, a própria cena nos indica aonde estão.

Prólogo

(Barulho de mata à noite. O menino índio Apoema vai até a beira do rio conversar com o espírito de lara, a senhora das águas. Há uma pedra grande no cenário. Pode ser uma pessoa abaixada com um tecido por cima que imita pedra ou ter alguém abaixado atrás da pedra.)

Apoema: Oh, grande mãe, lara, espírito das águas, ajuda esse índio a salvar o seu rio, homem branco estraga, mata os peixes, prende rio, não tem mais água pura pra beber, animais da terra, do céu e da água tem sede. (Barulho de chuva. Pode ser feita com instrumento. (Apoema se levanta, abre os braços e sente a chuva em seu rosto). Obrigada Amana. Sei que me ouviram! Me ajudem, espíritos de todos os homens, vamos todos nós juntos, defender nossa grande mãe água, fonte de toda a vida!

(ouve-se um vento forte. Trovões. A pedra começa a se mexer com o chamado do índio e acorda.)

Nhamandú Velho: (bocejando) uaaaa! Que sono! Há tempos eu não cochilava assim!

Apoema: Por Tupã! Que susto! Que criatura é você? Saiu de dentro da Pedra?

Nhamandú Velho: (ri) Um curumim! Foi você que me acordou, eu sou um pedaço da grande Rocha, que muitos chamam de Kamadewa, Zeus, Jeová, Allah, a trindade trimurti, formada por Brâman, Shiva, Vishnu. Sou Oxalá, Olorum, Guaraci, e tantos mais. Somos todos partes de Um, para podermos estar em todo lugar, mas pra você, Apoema, me apresento como Nhamandú, uma pedra, um pedaço da rocha, onde as almas velhas ficam descansando até serem invocadas.

Apoema: Nhamandú, és a alma velha, que criou todas as almas! Quanta honra, foi lara quem pediu por mim!

Nhamandú: sim Apoema, eu estava no rio Ganges, na Índia, esperando para assistir o MahaKumbhamela, e adormeci, vim rápido quando senti lara me

chamando e vim na forma que estava, porque quando a mãe Ganga chama, o perigo é grande e todos nós temos muito trabalho a fazer, a vida corre perigo!

Apoema: Não, não é tanto assim, é água que está faltando...

Nhamandú: Ouçam todos! A água é a fonte de toda a vida. É, portanto, a nossa grande mãe. Sem ela, não há vida na terra. Do céu ela jorrou, e foram os cabelos de Shiva que seguraram a força de sua tormenta para não destruir a Terra, mas não duvidem da força de Ganga. Ela dá vida e destrói em segundos.

Apoema: É mais sério do que pensei? Toda a aldeia corre perigo?

Nhamandú: Todo o planeta, todos os povos, toda a Natureza, todo e qualquer ser vivo. Não há reino animal, vegetal, que se reproduza sem água, desequilibra os outros reinos.

Apoema: E como Nhamandú? Como vamos fazer nossa voz chegar a todos?

Nhamandú: Vamos contar a história da vida, vamos contar a mais antiga das histórias e como foi difícil trazer a vida para este planeta. Eles têm que saber pra valorizar a maior riqueza que possuem!

Apoema: Mas eles acreditam que riqueza é o dinheiro.

Nhamandú: (ri) Não Apoema, do que adianta dinheiro sem se estar vivo? Tolice dos homens, sempre foram ambiciosos, querem bens materiais, acima dos espirituais, alguns destroem tudo que tocam, nem todos aprenderam com Midas, na Antiguidade, ou Cristo, ou Buda, ou Maomé, mas há muitos que já entenderam! Eles lutam para salvar a Natureza e a água, mas ainda acredito que se contarmos a primeira história, dos primeiros homens, ela irá despertar o chamado da alma, as almas são velhas, são sábias, elas só estão adormecidas dentro dos corações dos homens, é com elas que vamos contar, vamos Apoema, vamos despertar as almas dentro dos humanos.

Apoema: Não sei Nhamandú, os índios valorizam a água, não sei se os outros povos acreditarão nisso, eles...

Nhamandú: Não importa em qual terra, religião ou Nação, a água é alimento para corpo e para alma, ela purifica a alma para que possa entrar novamente no reino espiritual. A alma e a água são iguais nisso, somente elas podem evaporar para subir aos céus e descer novamente à Terra, circulam por todo o mundo, assim como o ar. As fontes de água são sagradas, merecedoras de reverência e respeito.

Apoema: Mas se a mente esqueceu, como vamos lembrar a alma deles? Nhamandú, faz tempo que você não vem a Terra, não vejo mais respeito com a água...

Nhamandú: Não desanime, Apoema, nós juntos vamos conseguir! Vamos mostrar a história das civilizações mais antigas, contar a história do primeiro rio, o Ganges, o rio que veio dos céus, a história da deusa Ganga e como ela se transformou.

Apoema: E você conhece tudo isso?

Nhamandú: (rindo) ora, ora, ora Apoema, eu estava lá, eu estava dentro da pedra, onde o rei Bhagirath se sentou para meditar fazendo um pedido muito especial aos deuses. Eu gosto de cochilar dentro das pedras. Vamos, vou te mostrar como tudo aconteceu... (saem de cena).

(pode ter música)

Cena I

(Índia. Nhamandu toca flauta)

Nhamandú Novo: Olá amiguinhos, Namastê. (faz uma saudação. Ouve-se um som de trovão. Nhamandú ri baixinho) Ouçam! Os deuses estão bravos! Acredito que estão procurando algum demônio que deve ter feito uma travessura com eles! Os deuses sabem como os demônios são ardilosos, estão sempre enfrentando eles, mas eles se escondem! Ouçam, vem vindo alguém, vamos crianças, podem ser alguns danados. (Nhamandú abre a capa e se esconde tornando-se uma grande pedra).

Indra: Vim falar com o sábio Agasha!

(Agasha entra em cena seguido de dois discípulos e se coloca em meditação).

Discípulo 1: Quem se dirige a gruta do grande sábio Agasha?

Discípulo 2: Quem com o iluminado Agasha quer falar?

Indra: Aquele que tem raios nas mãos (ouve-se um trovão) e um trovão na voz.

Discípulo 1: Perdão, deus Indra, não o reconheci, sempre o vejo do alto de seu elefante. (faz reverencia)

Discípulo 2: Sem seu elefante, poderoso Indra, deus da chuva, não pudemos lhe identificar. (reverencia)

Indra: Ah! Chega de reverencias, onde está Agasha?

Agasha: Não é preciso ver o raio, quando se sente o vento da tempestade impaciência.

Indra: Apesar de estar velho ainda és um sábio?

Agasha: Para o ignorante, a velhice é o inverno da vida, porque acha que já não tem mais nada a fazer; ao contrário, para o sábio é a época da colheita, pois para aprender não há idade melhor do que a maturidade.

Indra: Queremos saber onde os demônios se escondem, varremos toda o céu e a terra e não encontramos o novo esconderijo destes traiçoeiros. Todos os deuses estão fartos! Viemos a você para que nos ajude a descobrir.

Agasha: Reconhecer a ignorância é sabedoria. Aprender é como remar contra a corrente: não avançar é recuar. A soberania está oculta no conhecimento. Encontrarás a resposta, quando meditates sobre o que visita céu e a terra, mudando de forma, mas mantendo a essência.

Indra: Tenho que pensar? Agasha, precisamos agir contra os demônios, toda terra pode sofrer.

Agasha: E não é o sofrimento que faz a ostra produzir a pérola? É sinal de grande sabedoria não ser precipitado nas ações, nem obstinado à sua opinião; Mas sou só um humilde humano a tentar aconselhar um Deus. Tenho certeza que meditando terás a resposta. Não posso lhe ajudar mais do que com estas palavras, que em sua gloriosa mente terão valor.

Indra: ... o que visita céu e terra, mudando de forma, mas mantendo a essência. Gratidão Agasha, vou ter que me acalmar, vou fazer a chuva cair enquanto medito. (sai de cena ao som de trovões)

Cena 2

Discípulo 1: Porque não disse logo ao Deus Indra a resposta, mestre Agasha?

Discípulo 2: Não seria mais simples dizer onde estão?

Agasha: (rindo) Não é fácil dizer as verdades aos poderosos, eles nunca gostam de saber que sabem menos que nós. Quando meditam, pensam antes de agir e evitam muitos arrependimentos. Vamos, a noite está vindo depressa! (saem de cena)

(Demônios passam correndo, rindo, e ouvimos mais trovões, eles levantam o tecido de tule azul e vão entrando por baixo dele e saindo de cena, sempre rindo.)

Nhamandú: Ora, ora, ora, que auspicioso eu fui! Descobri onde os demônios se escondem! Estão todos agora no fundo do oceano e passaram tão apressados que nem me viram aqui meditando! É assim que eles enganam os deuses!

Indra: Nhamandú, alma velha, quem você diz que engana os deuses? (entrando)

Nhamandú: (toma um susto e faz uma reverência) perdão grande Indra, deus da chuva, não o senti aqui. Deve ter sido a presença nefasta, você os seguia?

Indra: É claro, agora quero saber onde se escondem! Esses demônios somem de dia e quando dormimos à noite, eles querem roubar nossa mágica, mas essa noite fiquei acordado em forma de trovão para segui-los. Mas são muitos, me escaparam. Agasha disse que estão escondidos onde se visita céu e terra, mudando de forma, mas mantendo a essência.

Nhamandú: Ali! (mostra o lugar onde os viu)

Indra: Não me atrapalhe! O que muda de forma no céu e na terra? Mas mantem sua essência...

Nhamandú: Ali! Poderoso Indra, pense! O que banha a terra?

Indra: os rios, os mares, não me atrapalhe!

Nhamandú: E como eles vão pro céu? Como voltam para terra?

Indra: Eu sei que eu sei!

Nhamandú: Poderoso Indra, eu vi, Nhamandú viu demônios indo no mar, devem estar no fundo do oceano...

Indra: Oceano? É isso!!! Vou já falar Agasha!

Cena 3

(Agasha surge trazido pelos discípulos)

Agasha: Nhamandú, Nhamandú, deverás viver uns 5 mil anos para que fiques velha. Sabedoria é não acreditar em tudo o que nos dizem, nem comunicar logo a outros o que ouvimos ou suspeitamos. O sábio não é afoito, apressado, impulsivo e impaciente.

Indra: Chega Agasha! Me ajude a tirar toda a água dos oceanos, agora mesmo! Isso é uma ordem! Sem histórias ou meditação!

Agasha: Como queira, poderoso Indra. (tira um canudinho e seus discípulos o levam ao tecido azul, e começa a tomar toda a água do mar. De fora de cena, o tecido vai sendo puxado até que saia totalmente).

(Os demônios voltam a aparecer, Nhamandú se esconde em formato de pedra e Indra ao som de trovões e gestos leva os demônios para fora de cena. Agasha sai pelo outro lado com os discípulos).

Cena 4

(Entram algumas crianças e mulheres com jarros. Mas logo ficam tristes porque não há mais água nos rios)

Mãe: Não há mais água? Pela Deusa Ganga! O que aconteceu?

Criança 1: Mãe estou com sede!

Criança 2: O que está acontecendo?

Criança 3: Como vamos fazer comida?

Criança 4: Não preciso tomar banho hoje?

Mãe: Venham crianças, vamos falar com os velhos da aldeia, algo estranho está acontecendo, não podemos ficar sem água!

Mulher 1: Aqui também? Não há água em lugar nenhum!

Homem 1: Os navios estão parados, não há água, no oceano!

Todos: Ganga! Ganga!

Homem 2: Vamos para a aldeia é preciso orar para os deuses

Cena 5

Nhamandú: (saindo do formato de pedra) Agasha! Agasha!

Discípulo 1: Porque gritas pelo mestre Agasha?

Discípulo 2: Não seria mais simples tê-lo escutado e não precipitado o deus Indra?

Agasha: (rindo) Nhamandú precisa aprender que sabedoria aos jovens e prudência e aos velhos é consolo! O que foi?

Nhamandú: acabou-se toda a água, como Agasha, um velho tão magro pode tomar todo o oceano?

Agasha: cumpri as ordens de Indra!

Indra: (entrando) Pois agora obedeça novamente e devolva a água para a terra, já prendi os demônios.

Agasha: Não posso! Já as digeri. Não as tenho mais! Somente Brama pode saber o que fazer! E não esqueça de lhe contar, caso ele fique bravo, que só cumpri sua ordem!

Brama: (todos se curvam) Ora, Ora, Ora! Faz tempo que não venho a terra! Mas estão clamando por mim! Indra! Agasha! Quem são esses?

Agasha: são Manu e Kabir meus discípulos e este é o jovem Nhamandú.

Brahma: Somos todos seus aprendizes Agasha, mas o que aconteceu?

Indra: Grande Brama, fui impetuoso contra os demônios, descobrimos que se escondiam, nas profundezas do oceano, e pedi a Agasha que bebesse toda a água, agora ele diz que não está mais com ela.

Brahma: Nem eu sou forte ou capaz de trazer água para a Terra, a única deusa que pode fazer é a auspiciosa Ganga. Somente ela, se assim quiser, pode trazer

água novamente para a terra. Mas, eu não abro mão de ter a deusa Ganga ao meu lado. E você Indra, que começou esta história deve ajudar os humanos a conseguirem a água. Vamos Agasha, quero seus conselhos sobre as coisas da terra. (saem conversando e os discípulos atrás).

Indra: (para Nhamandú) Aonde pensa que vai?

Nhamandú: falar com o rei Sagara, contar o que está acontecendo...

Indra: Vá e veja se ele com orações consegue me ajudar a conversar com Ganga. (saem, um para cada lado)

Cena 6

(Palácio do Rei Sagara)

Nhamandú: Rei Sagara!

Guarda 1: Aonde você pensa que vai Nhamandú?

Nhamandú: Preciso falar com nosso rei, ele precisa saber o que fazer pra voltar água!

Guarda 2: (faz sinal de espera e sai para buscar o rei)

Sagara: (entra seguido de bajuladores) Nhamandú por onde esteve?

Nhamandú: Muitas aventuras, vivi, meu rei, mas preciso lhe falar sério...

Sagara: Deixe eu te contar quantos reinos já conquistamos desde a sua ausência, sabe a falta d'água está deixando todos fracos, eu marcho com meus milhares de soldados e só do meu cavalo branco aparecer, o povo já se entrega, sem luta!

(Bajuladores batem palmas)

Nhamandú: Faça isso não alteza, a água pode acabar mesmo, daí nem nós, nem povo, nem cavalo...

Sagara: Mas do que você fala? Isso logo se normaliza, é só uma seca, depois passa... Eu vou me tornar o rei mais poderoso até lá! Tenho muita água no reservatório do palácio. (ri).

(Bajuladores riem. Nhamandú escapa de fininho)

Cena 7:

Nhamandú: Deus Indra! Indra!

Indra: Estou aqui Nhamandú, não precisa gritar deuses leem até pensamentos.

Nhamandú: Então já sabes? Sagara está se tornando um rei poderoso com toda essa história de falta d'água, ele está acumulando reinos e reinos, o povo só vê o cavalo branco dele e já se entrega!

Indra: O povo está fraco e faminto sem água!

Nhamandú: O que vamos fazer?

Indra: Ele está se tornando poderoso, quando acabar de conquistar os povos da terra pode ser que queira também o céu!

Nhamandú: Mas ele tem milhares de homens, como vamos vencê-lo? Quer dizer, você é um deus, pode lutar com os homens? Não é injusto?

Indra: Eu sou o Deus Indra! Vou sequestrar o cavalo dele e você vai me ajudar! Depois que eu encantar o cavalo, você vai escondê-lo aqui (fala na orelha dele. saem de cena).

Cena 8:

Sagara: Quem foi? Quem teve a ousadia de roubar meu cavalo?

Guarda 1: Calma meu rei..

Sagara: Quero que chame e envie meus 6 mil filhos agora por toda a terra! Quero que achem meu cavalo! A cada dia que demorarem um guarda meu será morto!

Guarda 2: Por favor meu rei, tenha piedade de nós que somos leais!

Sagara: Eu quero meu cavalo! Meu cavalo! (sai de cena, os guardas atrás)

Cena 9:

Nhamandú: Senhor Indra, magnânimo, por favor venha!

Indra: O que é Nhamandú? (voz em OFF)

Nhamandú: Eu escondi o cavalo, no lugar que o senhor ordenou, mas o rei Sagara, levantou o seu exército de 6 mil filhos e marchou por toda terra, chegando perto do Ashara de Cápula, o sábio, que meditava há anos, ele assustado com o tremor da terra da marcha de 6 mil homens, acordou mal humorado e com um raio que saiu de seu terceiro olho, fuzilou o exército, não sobrou um. Glorioso Indra, o rei chora por seus 6 mil filhos que viraram cinzas!

Indra: Mas o que ele queria não era o cavalo?

Nhamandú: Ah, Deus Indra, não seja malvado, ele não sabia que era uma escolha...

Indra: Mas agora já aconteceu, não posso fazer nada.

Nhamandú: Mas ele chora pelas almas...

Indra: (entrando em cena) Nhamandú o que tem as almas dos 6 mil filhos?

Nhamandú: Não tem água... Como as almas vão ser lavadas para poderem entrar no céu?

Indra: Ah, mas não foi ele que disse que a falta de água era boa? Agora ele precisa dela? E o reservatório dele?

Nhamandú: Secou. E mesmo que não tivesse secado, como levar água para tão longe?

Indra: Vocês homens nunca estão contentes com nada! Quando eu chovo demais, incomoda. Se não chovo, incomoda!

Nhamandú: Então chova um pouco, por favor, estamos com sede!

Indra: Agora não posso!

Nhamandú: Como assim?

Indra: Se a deusa Ganga não levar água para a terra, água não vem para o céu, eu não posso fazer chover...

Nhamandú: Vocês podiam se entender, por favor! O rei Sagara agora ora para Brama, faz sacrifícios, para conseguir banhar as cinzas de seus filhos.

Indra: Nhamandú você mesmo ouviu que Brahma disse que não abre mão de ter a deusa Ganga ao seu lado no céu, são como nosso pai e nossa mãe.

Nhamandú: Que confusão eu me meti, agora vou ver o povo fraco sem água, sem comida, e lembrar do dia que não me calei e deixei Indra meditar para pensar melhor antes de agir impulsivamente e acabar com a água na terra...

Indra: A dor do arrependimento, é infinitamente menor do que a dor da disciplina. Apreendi minha lição, mas vou te ajudar a sentir melhor, Nhamandú, você será uma alma para sempre que poderá tomar a forma humana ou de pedra, até que a água seja reverenciada como a fonte da vida, estará entre os homens, acordando seus corações e caminhará por todo o mundo, conhecendo todos os povos.

Cena 10

(Entram pessoas cantando, fazendo reverências a deusa Ganga e a Brahma)

Bhagirath: Ó grande mãe Ganga! Ó grande Brahma! Sou a sétima geração de Sagara, nenhum antepassado meu conseguiu comovê-los, eu peço humildemente que nos ajudem, venha Ganga para a terra nos trazer água. (muitas oferendas com flores são deixada ali).

Nhamandú: (Aparece de traz da multidão) Bhagirath, descendente de Sagara. Deus Brahma gosta de você, ele pede um juramento, que seus descendentes por toda a vida, sempre defendam a forma física da deusa Ganga se ela decidir vir à terra.

Bhagirath: Eu prometo! E oro para que ela aceite! (iniciam uma canção para Ganga. A deusa surge seguida de Brhama e Indra e outros deuses se tiver elenco)

Ganga: Querido Bhagirath! Eu amo a terra, por isso mesmo, não posso ir. Não pense que não me comoveu as lágrimas de seus antepassados, mas não tenho como controlar minhas tormentas, certamente elas destruiriam toda a vida na terra.

Brhama: Ganga é tão poderosa que sua força poderia destruir todo o planeta.

Nhamandú Velho: Veja Indra! Ela aceita vir, mas é muito poderosa e poderia destruir a terra com sua força, não há nada que se possa fazer?

Indra: Quem és tu? Nhamandú há quanto tempo! Vejo que envelheceu, deve estar mais sábio!

Nhamandú Velho: Sim e mais dolorido! Mas vago na esperança de conseguirmos resolver a situação que criamos.

Bhagirath: Com sua proteção e permissão querida deusa Ganga eu vou pedir ao glorioso Shiva, que nos ajude. Ele é o deus da destruição e da regeneração, ele pode nos ajudar para que não haja a destruição da terra. Namastê Shiva!

(canção para Shiva)

Shiva: Namastê Bhagirath!

Bhagirath: Namastê, glorioso Shiva! Humildemente peço para que nos ajude a levar a deusa Ganga para a terra. Peço por mim, pois há sete gerações, tentamos conseguir lavar as cinzas dos 6 mil filhos do rei Sagara e salvar suas almas. Peço pela terra que está sem vida. Peço por toda a raça humana que precisa de água.

Shiva: Querido Bhagirath! Posso sim, se isso não ofender a deusa Ganga, Brahma e O querido Indra, que afinal, foi quem mandou o sábio Agasha beber toda a água do mundo para poder encontrar os demônios que nos atormentavam.

Indra: Perdão Brhama e Shiva, aprendi minha lição. Agora também peço a Shiva, se ele puder ajudar a gloriosa Ganga, que assim o faça, leve água para a terra!

(Povo todo em alegria, cantará uma canção e os deuses vão saindo, só fica em cena Nhamandú Velho. Povo sai de cena. Tempo Atual: Fica Apoema e Nhamandú))

Nhamandú Velho: E foi assim, que Shiva, soltando seu enorme cabelo, cobrindo todo o céu, conseguiu que a deusa ganga mandasse água para a terra, seus cabelos seguraram a força das águas. A própria deusa tomou a forma física do Rio Ganges, e se espalhou por toda a Índia dando nova vida a terra, com flores e frutos coloridos, árvores, rios e lagos, e mais animais.

Apoema: Mas e as almas dos 60 mil filhos do rei Sagara?

A deusa era bondosa e seguiu Bhagirath até onde estavam as cinzas dos filhos de Sagara e finalmente pode libertar suas almas. Depois preencheu todos os oceanos.

Apoema: Então, esse deus Shiva é que ajudou a terra a ter água de novo? Será que ele pode me ajudar?

Nhamandú Velho: Shiva passou a ser mais amado ainda pelos humanos, tornando-se na Índia o Ganga Hara, aquele que permitiu a descida da deusa Ganga à terra. E aqui Apoema, para os índios, ele é Urihi, a terra-floresta e só

pode morrer se for destruída pelos povos. Então os riachos sumirão, a terra ficará friável, as árvores secarão e as pedras das montanhas racharão com o calor. Vá Apoema, lute pela preservação dos rios, das matas, da Natureza!

Apoema: Eu vou! Preciso falar com a aldeia, obrigado Nhamandu! (sai correndo)

Nhamandú Velho: Apoema vai se tornar um grande guerreiro em defesa da água, e vai precisar de ajuda de todos vocês. E eu meus amigos? Eu me tornei uma alma velha, que vaga pela terra para lembrar os homens a importância da Mãe Natureza, da deusa Ganga e das Águas para toda a vida! Namastê! (Se cobre novamente com sua capa, virando pedra).

(Entram todos cantando e dançando)

FIM

A Princesa Nigéria – peça de teatro

Vanessa Ratton

(O ancião Babafemi entra contando histórias para crianças: Akin, Babu e Aba.

Eles se sentam em semicírculo)

Babafemi: Vocês gostam mesmo de ouvir histórias, hein meus pequenos?

Akin: Conta mais sobre nossa África antiga Babafemi. Meu pai disse que a África é um grande continente!

Babafemi: É sim, pequeno Akin, a África é muito grande.

Babu: Conta sobre príncipes guerreiros.

Akin: Conta sobre princesas Babafemi.

Babafemi: Vou contar, então, uma última hoje, que vai agradar a vocês três. Babu vai ter seus guerreiros e Aba (olha para a menina) vai gostar porque terá sua princesa. E Akin vai ficar feliz também porque vou contar a lenda que deu origem ao nosso país, a Nigéria. (pausa) A África tem seus encantos e mistérios. A sua natureza exuberante e selvagem é muito rica em diversidade.

Akin: Meu pai disse que há povos muito diferentes de nós, é verdade Babafemi?

Babafemi: Sim! Há coisas diferentes e outras que são semelhantes nas culturas dos povos. Quando olhamos para um continente desconhecido, sentimos um misto de curiosidade, medo e atração pelo novo. Conhecer a origem de cada Nação é mergulhar em histórias e lendas, repletas de ensinamentos.

Vou contar hoje sobre o surgimento da Nigéria, país dividido pelos rios Níger e Benue. Alguns antigos acreditam que o nome do país e dos rios tiveram origem nesta história, outros dizem que isso é apenas uma lenda. Mas, toda boa história merece ser contada e se...

Crianças: (completando a frase juntas) você tem orelhas que sabem ouvir e passe adiante.

Babafemi: Venham comigo, crianças, vou contar enquanto caminhamos para casa. (Levantam-se e Babafemi vai contando e saindo de cena seguido pelas crianças). Nos tempos antigos, existia um povo do continente africano que habitava o Sudoeste da costa sul, conhecido como bantus. Eles se organizavam em tribos e viviam da agricultura, da pesca e da caça. Eram muito felizes na aldeia Mali, pois tinham um bom rei e uma rainha muito gentil que esperava uma criança em seu ventre.

(Entram pessoas correndo em cena para dar a notícia do nascimento a outras que estão passando por ali. Pode ser a música de abertura marcando o nascimento da Princesa Nigéria)

Moça 1: Nasceu! A filha do rei Manicongo, ela vai ser chamada de Nigéria.

Moça 2: A rainha Mauritânia e o rei estão radiantes.

Rapaz 1: É uma menina, a primeira filha do rei! E agora quem irá ser o herdeiro do trono?

Moça 1: Que deusa irá consagrá-la?

Moça 2: Não sabe? A princesa Nigéria recebeu a proteção da deusa dos rios e de toda a água doce, a deusa *Oxum*.

Rapaz: Que bom! Então ela será calma como um lago, doce e pura como a água de um rio e nos momentos precisos, forte como a cascata de uma cachoeira.

Moça 1: Uma verdadeira princesa!

(Saem de cena. Entra Nigéria e Niger correndo brincando de pega uma atrás desses, bem cansada e sem fôlego de correr)

Niger: Eu ganhei mais uma vez!

Nigéria: Ah! Você trapaceou bastante, né Niger! Nem esperou eu acabar de tomar meu leite.

Niger: A culpa não é minha se sua cabra tem demorado muito para encher seu copo.

Nigéria: Só eu que preciso aprender a ordenhar mais rápido. Você tem mais força nas mãos, mas meus pés são mais ligeiros.

Ama: E vocês dois, precisam aprender a respeitar a velha ama que já está cansada de correr.

Niger: Ah, coitada da Aduke, venha vou carrega-la no colo.

Ama: Não se atreva Niger!

Nigéria: Vamos nos sentar e assistir nosso espetáculo, assim você descansa minha querida Aduke.

Ama: Como você gosta de assistir ao pôr do sol, Nigéria, vou me sentar aqui um pouco e descansar, mas nada de me deixar cochilar aqui e saírem correndo de novo!

Niger: Juro por meu pai Oxossi, Aduke, que não saímos daqui sem você.

Ama: Promessa é questão de justiça Niger, não vá arrumar quizila com Xangô!

Nigéria: E como vão seus sobrinhos Aduke? Quando você vai visitá-los de novo?

Ama: Vai demorar! Mas sei que logo ficarão bem. Um dia irei voltar para a minha aldeia e morarei com eles.

Niger: E quando será isso Aduke?

Nigéria: Vai nos deixar?

Ama: Ainda demora. Só o dia em que eu ver vocês dois crescidos e casados, poderei voltar para minha aldeia, por enquanto vou ficando aqui em Mali. Sei que este casamento vai garantir paz e prosperidade para todos!

Nigéria: Mas ainda vai demorar, somos crianças!

Niger: Primeiro, Nigéria vai ter que aprender tudo sobre os deuses e deusas yorubas, então, vai demorar! (provoca)

Nigéria: Eu aprendo rápido quando quero! Mas, se for pra adiar o casamento, vou aprender tudo bem devagar. (debocha)

Ama: Por sorte, vocês são amigos e ainda não sentem o peso da responsabilidade de toda a sua aldeia em suas costas. Aproveitem o tempo da inocência e da alegria.

Nigéria: Olhem! O sol está se pondo!

Niger: É realmente lindo!

(Entra o ei com alguns soldados atrás. Os outros saem de cena. Pode ter música sobre o pôr do sol, amor etc.)

Rei: Olhem aquelas zebras, ali, lindas! Mas sinto que um leão irá devorá-las estão muito perto da savana.

Soldado 1: Podemos ir caçar javalis, rei Manicongo.

Rei: Não! Prefiro ir à trilha dos elefantes, lá podemos avistar as girafas, gosto muito de vê-las. Meu fiel conselheiro, você me acompanha neste passeio?

Conselheiro: om muito gosto, rei Manicongo. Os animais da África são mesmo muito exuberantes lindos, selvagens e perigosos como pode ser a vida se não cuidarmos por onde estamos caminhando nesta longa ou curta jornada que traçamos enquanto vivemos, primeiro conduzidos por nossos pais, depois guiada por nossos corações, inteligência ou extinto de sobrevivência.

Rei: Bonitas palavras. Muito sábio você é, por isso é meu conselheiro. Mas, soldados, você, você e você (escolhe três) podem ir caçar um leão para

levarmos para a aldeia, mas lembrem-se! Digam a rainha Muritânia que fui eu que cacei!

Conselheiro: E nossa rainha ainda acredita em suas caçadas?

Rei: Claro, todo o povo bantu acredita, eles sabem que tenho poderes sagrados, que descendo do deus dos raios, *Xangô*, e que já foi o rei de toda a África. Vamos!

(Entram Nigéria moça e a ama. A princesa adorava se vestir com mantos de pele de leão e usar joias de marfim, feita com o chifre de elefantes. Enfeitava os cabelos com fitas de cores exuberantes e era muito delicada, porém tinha opiniões firmes)

Nigéria: E quem venceu a corrida de canoas?

Ama: Níger é claro! Você não tem falado com ele?

Nigéria: Ele agora passa mais tempo com os guerreiros da tribo, participando de caçadas. Não temos quase muito tempo juntos.

Ama: Mas é um rapaz muito bonito e alegre. Domina a arte da pesca com as mãos. Muitas moças da tribo a invejam Nigéria pelo seu pretendente.

Nigéria: Verdade? Não sei dizer, quase não tenho amigas. Me criticam em tudo Aduke...

Ama: Umas tem ciúmes e, por causa disso, fazem de tudo para ver somente os seus defeitos, princesa. Mas são suas amigas.

Nigéria: Amigas? Falam mal de mim pelas costas, riem dos seus tropeços e da minha timidez.

Ama: Escute bem minha querida: Você é muito maior do que seus erros. Seus erros não definem quem você é, nunca! Nem o erro delas, então, fique linda, pois é assim que você é. E Niger é seu belo noivo e elas que se engasguem com isso (ri)

Nigéria: Olha o que você está falando Aduke (ri)

Ama: Você tem sorte de amá-lo Nigéria. Uma princesa ou mesmo uma mulher nem sempre pode escolher o seu marido.

Nigéria: Uma tradição antiga, isso deve mudar um dia Aduke?

Ama: Sim, um dia! Minha avó dizia isso, mas ainda temos que aceitar o casamento mesmo que não tenha amor. E dizem que vem com o tempo.

Nigéria: O seu foi assim Aduke?

Ama: Na verdade, nunca soube o que sentia ao certo por ele, mas o leão da selva o levou, então fiquei viúva sem saber. Mas, uma princesa tem responsabilidades...

Nigéria: (completando) ser sempre educada, sorrir e cumprimentar a todos, ouvir as mesmas conversas chatas, aprender todas as tradições, tratados entre as tribos, ouvir as reclamações do povo e pensar em soluções para os conflitos mais diversos e se casar para ter uma aliança entre as tribos.

Ama: vejo que aprendeu direito.

Nigéria: e você teve muita paciência. Também ouvi muito meu pai conversando com minha mãe, mesmo as mulheres da tribo não participando ativamente da política e do comando, papai nos conta tudo o que acontece, às vezes, parece que nos ouve antes de decidir, mesmo que diga aos outros que a ideia foi dele.

Ama: Sua mãe é muito sábia, sabe como colocar as palavras na boca do marido. Isso é uma refinada arte de sugestão.

Nigéria: Eu já percebi, primeiro ela ressalta as qualidades do rei, seu sentido de justiça, lealdade e sabedoria. Em seguida lembra de uma história dos deuses, acrescenta algumas coisas suas ou ressalta a atitude que ela quer que o rei tenha. E logo ele se levanta e com d dizia como vai resolver a questão. (As duas riem). E como é na sua aldeia Aduke?

Ama: nossos homens, não são agricultores como os daqui, dominam a metalurgia, a arte de transformar os metais em joias, utensílios e armas, mas as mulheres são iguais.

Nigéria: Como é mesmo o nome do novo chefe da aldeia?

Ama: É um jovem, de apenas com vinte anos, com muita habilidade para forjar armas. Seu nome é Benue, tem o espírito da guerra dentro de si, um filho de *Ogum*.

Nigéria: Meu pai disse que com as armas produzidas na sua aldeia teve muitas vitórias, ele gosta muito de Benue.

Ama: Todos gostam, mas nem todos querem que a fabricação de armas seja o maior destino de nossa aldeia Nigéria.

Nigéria: Mas também é preciso armas para garantir a proteção do povo das tribos invasoras.

Ama: Sim! Mas, a paz também se constrói com cooperação. Os conflitos entre as tribos são muitos, por causa de religião, de poder, de vantagens geográficas que facilitavam o comércio.

Rainha: (entrando) Ah, vocês estão falando de guerra.

Nigéria: Mamãe, que bom que você chegou.

Ama: Na verdade, falávamos da paz, senhora.

Rainha: A Paz! Infelizmente, parece que o rei Manicongo anda muito vaidoso e gostava de ser visto como intocável e de ter seu exército como o mais temido, acreditando que isso trará segurança ao nosso povo. Ao invés de querer ser visto como um rei justo, passou a gostar de ser temido e de se sentir poderoso.

Ama: A senhora acha que é influência da amizade de Benue, por causa do espírito guerreiro?

Rainha: A cada dia, ele está convencendo o rei a expandir sua dominação. Sei que não faz isso por mal, ele acredita que os bantos devem tornar a África uma grande Nação para acabar com as brigas entre as tribos, e diz que um rei virtuoso como Manicongo pode ser o líder do povo africano trazendo a união.

Nigéria: Ele teme a invasão de povos árabes com quem mantinham comércio.

Rainha: Não sei, mas, sei que você amava a paz, minha filha, e talvez não goste dos pensamentos novos do seu pai. Ele acabou de nomear Benue seu general e temo pelo futuro do nosso povo. Aduki, pode nos trazer os búzios?

Ama: Sim, senhora. (sai e traz um jogo de búzios e a sacerdotisa a acompanha)

Nigéria: Mãe, acredita que o destino dos bantus pode ser visto no *Omuribà Ifà*?

Rainha: Sim, minha filha, *Lodumare*, deus supremo, antes de criar o Universo, criou o *Omuribà Ifà* para ser o testemunho de tudo que ia acontecer. É um oráculo que sabe de tudo passado, presente e futuro. Pelo amor que *Ifà* demonstrou ao criador foi lhe dado o poder de transformar o *Odú*, o destino de cada um.

(pode ter música aqui sobre o oráculo)

Sacerdotisa: Vamos nos concentrar para lermos a mensagem dos deuses. Muitos caminhos abertos, podem ter vários desdobramentos, mas há um recado de Oxum para Nigéria. A princesa vai ter que saber usar sua força, a força da água, com muita doçura, para conseguir penetrar no muro de pedras e romper a barragem que separaria de vez sua felicidade do destino marcado para o povo bantu.

Vejo muitas vitórias e conquista de tribos inimigas. Vejo o rei gostar de um amigo como um filho!

Rainha: É Benue, o filho homem que ele não pôde ter. Eu dei à luz a um menino, mas ele nasceu morto, vivo na mais profunda tristeza, por causa disso.

Sacerdotisa: Não lamente, Oxalá é sábio, sabe o que faz, nossa rainha tem muitos filhos, todo seu povo é seu filho.

Rainha: Está certo! E sobre o casamento de Nigéria e Níger?

Sacerdotisa: Níger não gostava da guerra, seu espírito é de agricultor e caçador. Ele é um guerreiro da paz e trará entendimento entre as tribos. Mas, antes disso, ele vai seguir uma batalha sozinho.

Nigéria: O quê? Como?

Sacerdotisa: O jogo fechou, não posso responder.

Rainha: Vamos! Está na hora do retorno dos caçadores. (saem de cena)

(Aqui ocorre uma cena de luta entre Níger e um leão. Níger fica muito ferido, mas seus companheiros matam o leão. Ele fica no chão desmaiado inconsciente e com os sinais vitais muito fracos, o que fez com que seus companheiros acreditassem que ele estava morto. Seu corpo é colocado numa canoa e lançado ao rio, com a correnteza na direção da aldeia para que os caçadores também feridos não precisassem carregá-lo, pois eles não queriam abandonar o corpo do futuro príncipe ali. E eles voltam para a aldeia sem Níger).

Moça 1: Os caçadores estão voltando!

Rapaz 1: Vamos! Parece que tem alguns feridos (um grupo faz um círculo em volta deles, o rei e alguns guardas também. Entram a rainha, a princesa e a Ama).

Caçador 1: É muito triste o que vou contar, mas aquele dia da caçada foi o dia do leão. Perdemos um companheiro, um irmão para nós, nós queríamos trazê-lo para queimá-lo, a família não vai poder limpar e cobrir seu corpo, porque estamos muito feridos e não aguentamos trazer o corpo, pedimos desculpas, mas o espírito de nosso companheiro Niger continua vivo, pois a vida não termina com a morte.

Nigéria: Níger está morto? (chora. A mãe e a ama a consolam e a tiram de cena) .

Sacerdotisa: A jornada final para o mundo dos mortos tem muitas interrupções, então, os ritos funerários são muito importantes, pois se não forem feitos direito, o falecido voltará para incomodar os vivos. Vocês têm certeza de que Níger está morto?

Caçador 2: Temos grande sacerdotisa.

Sacerdotisa: Vou ter que consultar os búzios para saber como conduziremos a alma dele. (sai e todos vão deixando a cena triste)

(No fundo do palco um mulçumano, de turbante, que acompanhava uma caravana de nômades do deserto que vieram trazer encomendas aos povos da selva em troca de pedras preciosas, encontra a canoa com Níger e vê que ele ainda está vivo).

Tarek: Ajudem! Este homem ainda vive!

Beduíno 1: Tarek, você é astrólogo e conhece um pouco das ervas medicinais, acha mesmo que pode salvar este moribundo?

Tarek: Tarek não sabe, só sabe que deve tentar. Me ajudem a carrega-lo. (e o colocam Níger ao lado deles, dentro de uma roda. O tempo passa e esta

passagem pode acontecer com dança de orixás, representando a ajuda dos deuses para salvar a vida de Níger. Quando eles saem, Níger está sentado ao lado do grupo de beduínos em roda ouvindo Tarek contar uma história).

Um dia, os órgãos do corpo humano discutiram sobre quem era o principal para a sobrevivência do homem. Assim como cuidamos de Níger e ele sobreviveu porque era forte. E seu corpo lutou porque queria viver, os órgãos deste homem resolveram discutir quem era o principal.

Beduíno 2: Ouçam, Tarek vai contar mais uma história!

Tarek: Olhos, mãos, nariz, boca, estômago e coração brigavam por acreditarem que seriam eles, os únicos responsáveis pela sobrevivência do ser humano.

De repente, o homem foi comer. Então, os olhos avistaram a comida, o nariz sentiu seu aroma, que abriu o apetite do estômago, o coração saltou de alegria, as mãos partiram para levar a comida à boca, mas ela se recusou a abrir.

O homem não podia beber nem comer e todos os outros órgãos foram ficando fracos. Depois de muito tempo, a boca, então, falou que fizera aquilo para que todos entendessem que cada um tinha uma função muito importante e que deviam saber se respeitar e viver em colaboração.

Níger: Tarek esta história é muito boa! Nos ensina muito, meu amigo, meu médico e meu salvador. Você é mulçumano, apesar de nossas religiões serem diferentes, percebo que em essência, muitos dos ensinamentos seus são iguais a minha religião. Muito obrigada por tudo!

Tarek: Você Níger, se recuperou quando parecia que ia nos deixar, é prova que Alá ou Oxalá olharam por você. Fico triste que tenha que partir, mas alegre por saber que lhe ajudei.

Níger: Meu grande amigo, preciso ir, pois meu povo deve chorar por mim, e minha noiva me espera. Nem sei ao certo quanto tempo se passou. Agora

que estou forte preciso viajar de volta para minha tribo. Muito obrigada por tudo, mais uma vez. Venha me visitar quando puder.

Tarek: Aqui você ficou uma semana inconsciente.

Níger: faça um pedido para poder recompensá-lo por ter salvado a minha vida.

Tarek: você já me deu um tesouro valioso: a sua amizade sincera e seus ouvidos que sabem escutar. (Entregou um pequeno embrulho) este é meu último presente, mas só abra em caso de extrema necessidade. Você é como um filho para mim. (se despedem e Níger sai por um lado e os beduínos por outro).

(Na aldeia ocorre o funeral da rainha. Todos vão entrando tristes e o rei e a princesa por último)

Rei: É um dia de luto na Aldeia Mali. A rainha Mauritânia está morta, Níger está morto, precisamos encerrar estes lutos em nossas vidas. A princesa Nigéria dever[ia se casar com o general Benue para que a festa trouxesse nova alegria à aldeia.

(Ao ouvir as palavras do pai, Nigéria desata a chorar e sai com a ama).

Princesa: Aduki, lembra da interpretação do *Ifá*? Acho que devo ser obediente e colocar o bem estar da aldeia acima do meu amor por Níger, diga ao meu pai que aceito me casar com Benue, com uma condição que ele traga a paz de volta ao povo bantu. Sem guerras.

Não é fácil sacrificar meu coração pelo meu povo, mas é o dever de uma princesa. Eu não consigo acreditar na morte de Níger, por isso, rezava muito aos deuses, mas nada me foi revelado, então, devo aceitar meu destino.

Rei: Benue! Lhe darei a mão de minha filha em casamento, mas ela pede a paz.

Benue: Eu juro aqui na frente de meus guerreiros que farei o possível para manter a paz. Mas, quero comemorar agora, apesar da tristeza que sei que seu povo sente, a alegria do meu, em me ver coroado príncipe e futuro rei do povo bantu.

Rei: Claro! Todos queremos a alegria de volta! Chega de tristeza!

(Guerreiros de Benue fazem festa e o cumprimentam)

(Neste momento, o povo da aldeia Mali vê chegar Níger e todos ficam assustados)

Moça 1: Níger está vivo?

Rapaz 1: Níger está Vivo!

Caçador 1 e 2: Oxalá! Os deuses o protegeram?

Ama: Níger! Que alegria! (abraça o rapaz, todos abraçam) Aí meu pai Oxalá e agora?

Rei: Níger! Mas pensávamos que você estava morto! Já faz mais de um mês. Guardas! Matem esses caçadores incompetentes!

Níger: Não, meu rei! Eles não tinham como saber. Eu quase morri mesmo, foi por pouco! Fui encontrado por uma caravana de beduínos, dei muita sorte de ter um curandeiro entre eles, Tarek, ele salvou minha vida!

Ama: Vou avisar a princesa, coitada, minha mãe Yemanjá, e agora? Que problemão!

Caçador 1: Perdoe-nos amigo! Sofremos muito não conseguimos lhe carregar, colocamos você numa canoa para que viesse para cá, trazido pela correnteza...

Caçador 2: mas a Canoa nunca chegou.

(O povo da aldeia mal fica de um lado e os guerreiros de Benue de outro)

Ancião: A guerra corre como o vento, e agora com quem a princesa vai se casar?

Guerreiro 1: O casamento com Benuê vai acontecer! Já está feito o acordo.

Ama: Princesa, não fique feliz, assim, feliz demais: Níger está vivo!

Nigéria: Como? Vivo? Claro que estou feliz.

Ama: Ele acabou de chegar, mas não se esqueça que agora é noivo de outro.

Nigéria: Como posso dizer a Níger que me casarei com outro se eu o amo e lhe fui prometida desde criança?

Ama: Princesa, o povo falava em duelo, onde apenas um vai sobreviver para casar-se com você, outros falavam em guerra e divisão das tribos. O rei Manicongo não sabe o que fazer.

(Nigéria ficou aturdida, estava muito feliz com a notícia, que era tudo o que mais desejava, porém ficou desesperada, pois não poderia voltar atrás e contrariar o pai que ficaria numa situação muito difícil, pois Níger e Benue pertenciam a tribos diferentes e isso poderia causar uma grande desfeita a uma delas)

(Rei vai ao encontro da filha.)

Nigéria: Pai, peço permissão para conversar com Níger às escondidas e tentarmos pensar juntos numa solução.

Rei: Sim minha filha, mas tomemos cuidado, podemos começar uma guerra,

(Ama traz Níger escondido. Os dois correram para se abraçar no reencontro e um primeiro beijo de amor foi selado. O rei e a ama saem)

Nigéria: Eu choro de alegria e saudade. Pensávamos que você estava morto, mas e agora, como resolver a questão: agricultores e caçadores estavam em guerra com os soldados e o povo da metalurgia. A decisão não é mais só sobre quem vai se casar com, mas qual é a tribo com a atividade mais importante para indicar o sucessor do rei.

Níger: Eu conheço uma história que vai lhe dizer a resposta, todos são, cada um tem sua função.

Nigéria: Meu coração será sempre seu Níger, mas como princesa tenho deveres com seu povo e não poderei contrariar o desejo de seu pai.

Eu só posso confiar nos deuses para solucionar a disputa.

Níger: Eu não faço questão de ser o sucessor do rei Manicongo.

Nigéria: (triste) Não pensei que você abriria mão do nosso compromisso, assim, mas aceito, talvez você não goste de mim como sua esposa, entendo, era um casamento para unir as tribos.

Níger: Então, você não entendeu nada Nigéria. Meu desejo é apenas ter você como esposa, portanto, não me interessa a coroa e sim o amor de minha princesa e, se isso eu já possuo, me sinto vitorioso.

Mas, não posso ser eu a provocar a guerra entre as tribos. O rei terá que decidir. Vou esperar em minha aldeia. (sai sem se despedir, muito triste).

(Nigéria chora e é amparada pela ama)

Nigéria: Aduki, preciso que chame o general Benue, preciso falar com ele.

Ama: tem certeza, princesa? Ele pode se sentir ofendido se você o rejeitar.

Nigéria: Eu preciso falar com ele. Preciso tentar. Vou pedir proteção aos deuses. Vá chama-lo. (Ama sai. Ela ora)

(Ama entra com Benue)

Benue: Vejo que está com os olhos em vermelhos, imagino que sofra, mas não tenho culpa do ocorrido e minha aldeia anseia por este casamento, não vou voltar atrás. Lutei muito para ter esta oportunidade. Este é meu sonho, um dia serei o rei e conquistarei e unirei toda a África. Todos sendo um só povo.

Nigéria: Eu o entendo. Isso move o seu coração e tenho a certeza de que seu propósito é o melhor para todos. Portanto, se mantenha firme, mas como você resolveria esta questão?

Benue: Eu acredito na inteligência da princesa. Sei que está numa situação que pode custar a paz ao povo bantu. Há muito eu a admiro, mas sempre a respeitei por ser noiva de Níger. Seu povo disse que ele morreu. Então, meu coração se encheu de esperança. Teria as duas coisas que mais quero.

Nigéria: Benue, não lhe conheço muito, mas você sabe que sou noiva de Níger desde que era criança, criamos laços. Parece que o destino nos colocou em uma encruzilhada para que provássemos se realmente merecemos a glória de ser a grande Nação Congo.

Benue: Eu e seu pai estamos preparando a união das tribos para guerrearem contra seus verdadeiros inimigos, os invasores estrangeiros, e não entre seus irmãos.

Nigéria: Sábias palavras Benue, você fala como um rei. Eu respeito seu amor e dedicação ao povo. Você é realmente o filho que meu pai gostaria de ter tido. Agradeço sua visita e peço que espere a resposta na reunião do Conselho, amanhã.

(Benue sai)

(Entram caçadores, guerreiros, anciãos, rei, ama, Benue, Niger, Nigéria, ama, e todos da aldeia)

Rei: Hoje estamos aqui para fazer uma difícil escolha, vamos decidir entre o amor e o dever. Minha decisão como pai seria pela felicidade de minha filha, mas que como rei, devo escolher pela vontade de meu povo. Assim, deixo a decisão ao Conselho, desde que estes escutassem as palavras de nossa princesa Nigéria.

Nigéria: O amor que une um homem e uma mulher é diferente do amor que unia igualmente um rei e uma rainha. Aprendi com Níger, uma história que mostra que todos são importantes. Eu admiro o povo da metalurgia, seus feitos trouxeram muitas vitórias ao general Benue. Ele é muito digno de desposar-me como de suceder o rei, mas meu coração, desde a infância, pertence a Níger, que era um grande caçador, assim como meu povo é formada por grandes agricultores. que por muitas vezes, supriu as necessidades de alimentação das mulheres e crianças enquanto os guerreiros do povo da metalurgia estavam na Guerra, garantindo a sobrevivência das famílias. Afinal, essa missão é tão importante e nobre quanto lutar no campo

de batalha, pois qual soldado derramaria seu sangue se não fosse pelo bem-estar de seus pais, irmãos, esposas e filhos?

Rei: O que o conselho pensa?

Ancião: (silêncio) Rei Manicongo sua filha é muito diplomática. Todos nós do conselho ficamos sem fala. A princesa nos mostrou que não pode haver um perdedor. O Rei sempre quis ter um filho. Nossa sugestão é que Manicongo adote Benue como seu filho legítimo, lhe garantindo a sucessão. E que permita a princesa a se casar com Níger. Desta forma, nossa tribo ganha um rei e um príncipe dignos. Vejam como nossa princesa é sábia!

Soube contornar as tradições e aos vaidosos.

Rei: Resta saber se Benue e Níger aceitam a proposta. Benue quer ser rei e Níger quer casar-se com sua amada. Podemos selar este acordo?

Niger: Eu aceito, me sinto honrado. Que Benue seja meu rei.

Benue: Meu rei. Me sinto honrado, mas lembro que minha tribo pode temer que, após a morte do rei, Níger falte com a palavra. Peço mais um dia para pensar.

(Grande confusão entre o público, todos saem. Apenas Níger fica andando de um lado para o outro, pensativo)

Níger: Preciso pensar em algo, mas o que posso fazer? Tarek, meu amigo sempre tinha uma boa história para resolver tudo. O presente! Ele me disse para abrir quando estivesse muito necessitado (lembra do presente que ganhara do chefe das caravanas, Tira do bolso um embrulho e fica surpreso com o tamanho do diamante que ele escondia). Um diamante! Ah, meu amigo, você nem sabe o quanto isto pode me ajudar agora. (sai de cena)

(Entram os orixás como se fosse observar a decisão do destino da tribo. Pode haver música e dança com todos, que depois já tomam seus lugares para a reunião do Conselho)

Níger: (aproximando-se do rei e, na frente de todos, entregou a joia)

Esta é toda a minha fortuna. Um grande diamante, entrego agora como prova de minha sinceridade em abrir mão do trono, que seja usado para partilhar entre todos da aldeia.

(Todos ficaram surpresos).

Ama: Nunca vi um diamante deste tamanho. Deve valer muito.

Rei: Eu também pensei muito, na melhor maneira de selar este acordo, não tenho mais dúvidas, que encontrei um jeito de resolver este impasse. Para que Níger possa no futuro pleitear o trono, eu mesmo, serei despendido, renunciarei agora, em favor de Benue, pois assim, sua filha deixará de ser princesa e se Níger realmente a quiser como esposa, pela mulher que ela é e não pela coroa, que se casem, pois a partir de agora, ela não é mais herdeira do trono.

(Níger e Nígeria correm um para o outro. Rei abraça Benue e entrega a coroa)

Todos: Viva o rei Benue!

Todos: Viva!

Rei: Teremos uma grande festa, a coroação de nosso novo rei e o casamento de Nigéria e Níger.

(Todos cantam e dançam. O ancião do início vem a frente falar com o público. Todos silenciam um pouco e depois a música retorna)

Babafemi: E foi assim, que os mais velhos dizem, que por sua sabedoria, a princesa deu origem ao nome deste país africano, que é dividido por dois rios Níger e Benue, que se encontram no centro das terras da Nigéria, cuja bandeira tem duas listras verdes representando a agricultura e uma listra branca para representar a unidade e a paz.

(Música final para os agradecimentos)

FIM

A Autora

Tatá Bloom é o pseudônimo da jornalista Vanessa Ratton, especializada em Teatro Brasileiro, Psicopedagogia e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Poeta, autora de livros infantis e peças de teatro, também ministra Oficinas de Teatro Aplicado à Educação, tendo sido orientadora de Artes Cênicas do Sesi, em Vila das Mercês, São Paulo, e coordenadora do curso técnico em Teatro do Senac Santos.

Publicou O Ratinho que não gostava de queijo (Multifoco), Um Vizinho Muito Especial (e-book Kindle), Uma Menina detetive e a Máfia Italiana (Editora Trejuli), Contos com o pé na terra (Editora Caleidoscópico), Histórias (Mal)-cheirosas (Ed.Trejuli) e Coletânea Meus Primeiros Versos (ABR editora) e Com o Pé na Terra (Pó de Estrelas Editora).

Para adolescentes, escreveu Encontros à Hora Morta em parceria com Maria Valéria Rezende (Florear Livros) e Quando a Lua é Cheia (Ed. Pantograf).

É organizadora de Coletâneas e Antologias pelo movimento Mulherio das Letras onde também é articuladora nacional. É diretora da AEILIJ.

Contato: vanessaratton@gmail.com

Minha história

Venho de uma família de gente de teatro. Isto para mim é tão forte que não sei dizer como comecei. Se foi acompanhando minha mãe aos ensaios, assistindo-a em cena, ainda muito pequena, depois meu tio e primos; ou se foi sendo dirigida por ela aos 9 anos, após participar da I Oficina de Artes Cênicas de Santos, SP, em 1981, coordenada pelo meu tio Tanáh Corrêa, que trouxe muitos mestres do teatro santista de volta a cidade e reabriu o espaço da Cadeia Velha e, mais tarde - quando foi nomeado secretário de Cultura - do Teatro Municipal para os artistas de teatro amador.

Eu redescobri que minha mãe era atriz e diretora de teatro aos 9 anos. Depois que meu padrasto faleceu. Aquele retorno dela, que havia sido uma excelente atriz nos anos 60 e 70, trabalhando com Jonas Melo, Jandira Martine, Roberto Pirilo, Paulo Lara e Gregui Filho, mas teve que abrir mão da carreira profissional, em São Paulo, para cuidar sozinha de dois filhos pequenos, contando apenas com a ajuda de minha avó.

Ela foi a primeira da família a fazer teatro, numa época em que mulheres de família não deveriam ser nem bailarinas, nem atrizes, pois não era correto. Imaginem! Por sorte, meu tio acabou se envolvendo com teatro também e ela conseguiu atuar na sua desejada vocação. Embora minha avó gostasse demais de contar histórias e vivesse falando sobre seu pai que veio da Itália e aqui foi artista plástico, pianista e ajudasse a construir carros alegóricos para o Carnaval.

Felizmente, no final dos anos 80, ela foi convidada a ser professora de teatro do SESI de Santos e ela conseguiu se realizar em parte com sua arte. Eu a acompanhava nas aulas e atuava com os alunos dela, aprendendo a atuar, a dirigir e a ensinar, escrevendo para teatro.

Mais tarde, por necessidade econômica, fui morar num sítio, no Rio Grande do Sul, com meus tios, aos 14 anos. Longe de minha mãe e avó, dos primos queridos da infância, dos amigos adolescentes e da agitação da minha cidade natal, senti um imenso vazio, e comecei a escrever. Foi assim que nasceu esta dramaturga que tem verdadeira paixão por teatro infantil.

Formei-me mais tarde no magistério, cursei Jornalismo por gostar de escrever. Foi o teatro que me aproximou de meu marido que estudava comigo e aceitou meu convite para fazer curso e encenar uma peça na Faculdade.

Mais tarde me especializei em Teatro brasileiro, me tornei Mestre em Comunicação e Semiótica e psicopedagoga e foi assim que me tornei arte-educadora, também atuando como orientadora de Artes Cênicas no SESI em São Paulo, depois Coordenadora dos Cursos de Artes e Comunicação do SENAC, conseguindo unir as duas áreas, me descobrindo também como poeta, escritora e editora.

O Movimento Mulherio das Letras, que surgiu em 2017, reunindo centenas de escritoras de todo o Brasil foi um capítulo à parte desta história e a partir daí, a certeza de que escrever é meu ofício e minha realização.

Sou autora infantil e juvenil com indicações para prêmios e obras aprovadas para o PNLD do MEC. Deixei de usar o pseudônimo Tatá Bloom, quando a minha carreira como escritora passou a ser minha única atividade.